

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

AMANDA TIMMEN MELLO

A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO À SOMBRA DA LÍNGUA OFICIAL:
ENTRE A DOMINÂNCIA DO PORTUGUÊS E A VITALIDADE DO HUNSRÜCKISCH

Porto Alegre

2022

AMANDA TIMMEN MELLO

A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO À SOMBRA DA LÍNGUA OFICIAL:
ENTRE A DOMINÂNCIA DO PORTUGUÊS E A VITALIDADE DO HUNSRÜCKISCH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras (Tradutor Português e Alemão) do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharela em Letras; áreas de concentração: Sociolinguística e Dialetoлогия.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2022

AMANDA TIMMEN MELLO

A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO À SOMBRA A LÍNGUA OFICIAL: ENTRE A
DOMINÂNCIA DO PORTUGUÊS E A VITALIDADE DO HUNSRÜCKISCH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras (Tradutor Português e Alemão) do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharela em Letras; áreas de concentração: Sociolinguística e Dialectologia.

Porto Alegre, 4 de maio de 2021

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Me. Cláudia Fernanda Wolff Pavan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Cléo Vilson Altenhofen, que tanto admiro e respeito, pelo aprendizado e pela orientação; agradeço também à UFRGS, por me abrir as portas para chegar onde cheguei e me proporcionar experiências que levarei para o resto da vida.

Agradeço à Cláudia e à Júlia, minhas colegas de pesquisa no projeto ALMA-H, pelo acolhimento e companheirismo desde meu ingresso no grupo, bem como pela parceria na transcrição das entrevistas para o mapa-base deste trabalho.

Agradeço aos meus colegas do alemão, Fabian, Gian, Lina, Louise, Mônica e Roger, pela amizade que construímos e por tudo o que aprendemos em conjunto ao longo do curso, e aos meus letristas favoritos, Lucas, Gisele e Cristina, pelos cafés no Solarium e as risadas na fila do RU. Agradeço também aos meus excelentes professores do Setor de Alemão do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS, Cléo Altenhofen, Erica Schultz, Gerson Neumann, Karen Spinassé, Michael Korfmann e Robert Schade, pela formação que me deram e o exemplo de profissionais que são.

Agradeço às maravilhosas Maju e Alice, por sempre me acolherem e colorirem meus dias e pelo suporte nos momentos de maior ansiedade e dúvida, e à encantadora Ana Sofia, que tenho a alegria de chamar de amiga há dez anos.

Agradeço à Ellen, por me escutar e entender desde meus 6 anos de idade.

Agradeço ao Leo, que cresceu comigo, e ao Ber, que me viu crescer, por todos os momentos em que tive a certeza de que tenho os melhores irmãos do mundo.

Por fim, e com o maior carinho e a maior gratidão possíveis, agradeço aos meus pais, Margot e Elton, por todas as oportunidades que me deram, todas as coisas que me ensinaram e, acima de tudo, por sempre me amarem e apoiarem incondicionalmente.

Obrigada.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a dominância do português brasileiro e sua relação com a vitalidade da língua de imigração alemã Hunsrückisch em contato na região da Bacia do Rio da Prata. Serve de base para o trabalho o banco de dados do projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch). Seu objetivo é desenvolver uma base histórica e conceitual inicial para o tema de pesquisa em questão e, através da macroanálise pluridimensional e contatual da variável <grau de dominância do português>, verificar a existência ou não de uma mudança em curso na direção da substituição linguística do Hunsrückisch pelo português. Inicialmente, é apresentado o objeto de estudo, o Hunsrückisch, com sua origem, história e distribuição pelo Brasil, tendo como fontes principais Altenhofen (1996) e Altenhofen, Morello et al. (2018); em seguida, é feita uma periodização do contato da língua de imigração com o português brasileiro. Na fundamentação teórica são apresentados os conceitos centrais para a análise dos dados realizada mais adiante, elucidando os tipos de contato linguístico e suas consequências, bem como as noções de vitalidade linguística e de substituição linguística (*language shift*). A metodologia do trabalho orienta-se pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional e contatual, conforme apresentada por Thun (1998) e Radkte e Thun (1999), e faz uso, desse modo, das ferramentas disponibilizadas e dos dados coletados pelo ALMA-H para a cartografia de quatro mapas linguísticos, elaborados a partir da transcrição das entrevistas da pergunta CgramI_43 do questionário do projeto. A pergunta equivale a uma frase de Wenker, a saber, “*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*” (pt. “Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido”), apresentada em alemão padrão aos informantes do ALMA, para ser traduzida para o Hunsrückisch. A partir de um procedimento baseado no método de medição da dialetalidade proposto por Herrgen e Schmidt (1989), foram considerados quatro critérios, para medir a dominância do português: a) Repetição da pergunta pelo entrevistador (<F/rep>; 0,5 ponto); b) Tradução da pergunta para o português pelo entrevistador (<F/pt>; de 0,5 a 1,0 ponto); c) Hesitações e pausas nas respostas dos informantes (<HP>; 0,5 ponto); d) Ocorrência de *code-switching* na fala dos informantes (<CS>; de 0,5 a 2,0 pontos). A soma da pontuação de cada entrevista determinou seu <grau de dominância do português>, que se distribui em uma gradação de 0,0 a 4,0. Os graus de dominância do português de cada entrevista e ponto de inquérito são visíveis nos mapas, que consideram as seguintes dimensões de análise: diatópica e diatópico-cinética (variação e percursos migratórios entre as microáreas do Hunsrückisch), diastrática (variação entre os grupos Ca, de maior escolaridade, e Cb, de menor escolaridade), diageracional (variação entre os grupos da geração mais velha, GII, e mais jovem, GI) e diarreligiosa (variação conforme a confissão religiosa, entre católicos e protestantes). Foram hipóteses deste estudo: 1) Em relação à dimensão diatópica, há uma correlação entre a origem regional de cada falante e o <grau de dominância do português> em sua fala, de forma que as áreas de ocupação mais tardia apresentam maiores graus de dominância do português. Essa hipótese é confirmada na comparação entre as diferentes microáreas analisadas, visto que a microárea do Hunsrückisch do tipo *Deutsch* e as localidades nas colônias novas compreendem uma maior concentração de graus elevados de dominância do português. 2) Em relação à dimensão diastrática, há graus maiores de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos Ca. Ainda que não de forma tão determinante quanto o esperado, os resultados corroboraram essa hipótese, sendo observado que, em função do nível de escolaridade, os grupos Ca apresentam índices maiores de dominância do português em contraposição aos grupos Cb, em que os níveis mais baixos de dominância ganham destaque. 3) Em relação à dimensão diageracional, há graus mais elevados de dominância do português nas entrevistas realizadas com o grupo GI, da geração mais jovem. Com o ingresso na escola já nos anos iniciais, um maior deslocamento de sua comunidade de fala para centros urbanos e

universitários e um acesso facilitado à mídia e a plataformas digitais, o contato com o português foi favorecido para as gerações mais jovens. Isso se confirmou a partir da análise dos dados obtidos, que apontam um aumento do grau de dominância dos mais velhos para os mais jovens, indicando um lento e gradual processo de substituição linguística. 4) Em relação à dimensão diarreligiosa, há graus menores de dominância do português na fala de informantes de confissão evangélico-luterana, devido ao seu maior contato com a escrituralidade em alemão. Quanto a isso, os dados nos mostraram o contrário, resultado influenciado não tanto pela confissão religiosa em si, mas pela distribuição regional dos informantes evangélicos, que se concentram nas áreas com maiores graus de dominância (influência diatópica), e sua correspondência a grupos da geração mais jovem, também com os graus mais elevados de dominância (influência diageracional). Por fim, considerando as limitações que um TCC impõe, bem como a complexidade do que se propõe analisar, deve-se ter em mente que o presente estudo não visa esgotar o tema de pesquisa, sendo antes um ponto de partida para investigações futuras e um exercício inicial da macroanálise pluridimensional da influência do português na língua de imigração Hunsrückisch.

Palavras-chave: Língua de imigração alemã. Hunsrückisch. Contatos linguísticos. Dominância linguística. Vitalidade linguística.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Abschlussarbeit thematisiert die Dominanz des brasilianischen Portugiesisch und deren Einfluss auf die Vitalität der deutschen Einwanderungssprache Hunsrückisch in Kontakt in der Region des Río de La Plata-Beckens. Die Arbeit verwendete dazu die Datenbank des Projekts ALMA-H (Sprach- und Kontaktatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch). Das Ziel der Untersuchung ist es, eine erste historische und konzeptionelle Grundlage für das betreffende Forschungsthema zu entwickeln und durch die pluridimensionale und kontaktuelle Makroanalyse der Variable <Grad der Dominanz des Portugiesischen> zu verifizieren, inwiefern ein Wandel *in progress* in Richtung eines Sprachwechsels des Hunsrückischen festzustellen ist. Zunächst wird der Untersuchungsgegenstand Hunsrückisch mit seiner Entstehung, Geschichte und Verbreitung in Brasilien vorgestellt, wobei Altenhofen (1996) und Altenhofen und Morello (2018) als Hauptquellen herangezogen werden; anschließend wird eine Periodisierung des Kontakts der Einwanderersprache mit dem brasilianischen Portugiesisch vorgenommen. Als theoretische Grundlage werden die Hauptbegriffe und Konzepte präsentiert, nach denen sich die nachfolgende Datenanalyse richtet, wobei die Arten des Sprachkontakts sowie auch dessen Folgen, der Begriff der Sprachvitalität und nicht zuletzt der Sprachwechsel (*language shift*) erläutert werden. Die Methodik der Studie basiert auf den Annahmen der pluridimensionalen und kontaktuellen Dialektologie nach Thun (1998) e Radkte und Thun (1999), die den Datenerhebungen und Verfahren des ALMA-H zugrundeliegen. Damit wurden zur Analyse vier Sprachkarten erstellt, basierend auf der Transkription der Interviews zu Frage CgramI_43 des Projekt-Fragebogens. Diese Frage entspricht dem Wenkersatz 43 – „Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen“ – der den Informanten in der Standardnorm zur Übersetzung ins Hunsrückische vorgegeben würde. Auf der Grundlage einer von Herrgen und Schmidt (1989) entwickelte Methode zur Dialektalitätsmessung wurde die Dominanz des Portugiesischen durch vier Kriterien gemessen: a) Der Interviewer wiederholt die Frage (<F/rep>; 0,5 Punkte); b) Der Interviewer übersetzt die Frage ins Portugiesische (<F/pt>; von 0,5 bis 1,0 Punkte); c) Zögern und Pausen in den Antworten der Informanten (<HP>; 0,5 Punkte); d) Auftreten von *code-switching* in der Rede der Informanten (<CS>; von 0,5 bis 2,0 Punkte). Die Summe der Punkte für jedes Interview bestimmt den Grad der portugiesischen Dominanz, die in einer Abstufung von 0,0 bis 4,0 verteilt ist. Der Grad der portugiesischen Dominanz jedes Befragungs- und Erhebungspunktes wird in den Karten sichtbar, bei denen folgende Dimensionen berücksichtigt wurden: diatopische und diatopisch-kynetische (Variation und Migrationswege zwischen den Gebieten des Hunsrückisches), diastratische (Variation zwischen den Gruppen Ca, höheres Bildungsniveau, und Cb, niedrigeres Bildungsniveau), diagenerationelle (Variation zwischen der älteren Generationen, GII, und der jüngeren Generationen, GI) und diarreligiöse (Variation nach Konfession, zwischen Katholiken und Protestanten). Die Hypothesen dieser Studie lauteten: 1. Hinsichtlich der diatopischen Dimension wurde eine Korrelation zwischen der regionalen Herkunft jedes Sprechers und dem Grad der Dominanz des Portugiesischs in seiner Sprache erwartet, so dass Gebiete mit späterer Besiedlung einen höheren <Grad der Dominanz des Portugiesischs> aufweisen. Diese Hypothese wird bestätigt, wenn man die verschiedenen untersuchten Mikrogebiete vergleicht, da das Mikrogebiet des Deutsch-Hunsrückischen und die Ortspunkte in den neuen Kolonien eine stärkere Konzentration von hohen Graden der Dominanz des Portugiesischs umfassen. 2. Hinsichtlich der diastratischen Dimension zeigt sich die Dominanz des Portugiesischen in den Interviews mit den Ca-Gruppen höher. Die Ergebnisse bestätigen diese Hypothese, und es wurde festgestellt, dass die Ca-Gruppen je nach Bildungsniveau einen höheren Graden der Dominanz des Portugiesischs aufweisen als die Cb-Gruppen, in denen die niedrigsten Dominanzwerte zu verzeichnen sind. 3. Hinsichtlich der

diagenerationalen Dimension ist in den Interviews mit der GI-Gruppe, der jüngeren Generation, eine größere Dominanz des Portugiesischen festzustellen. Mit dem Eintritt in die Schule bereits in frühen Jahren, einer stärkeren Verlagerung ihrer Sprachgemeinschaft in städtische und universitäre Zentren und einem leichteren Zugang zu Medien und digitalen Plattformen wurde der Kontakt mit dem Portugiesischen für die jüngeren Generationen erleichtert. Dies wurde durch die Analyse der erhobenen Daten bestätigt, die auf eine Zunahme der Dominanz von der älteren zur jüngeren Generation hinweisen, was auf einen langsamen und allmählichen Prozess des Sprachwechsels hinweist. 4. Hinsichtlich der diarreliösen Dimension zeigt sich eine stärkere Dominanz des Portugiesischen von Informanten evangelisch-lutherischer Konfession, was auf deren stärkeren Kontakt mit der Schriftlichkeit im Deutschen zurückzuführen ist. Allerdings haben uns die Daten das Gegenteil gezeigt, ein Ergebnis, das nicht so sehr durch die entsprechende Konfession selbst beeinflusst wurde, sondern durch die regionale Verteilung der evangelischen Informanten, die sich in Gebieten mit hohem Dominanzgrad des Portugiesischen (diatopischer Einfluss) konzentrieren, und ihre Entsprechung zu den Gruppen der jüngeren Generation, ebenfalls mit dem höchsten Dominanzgrad (diagenerationaler Einfluss). In Anbetracht der Beschränkungen, die eine Monographie mit sich bringt, sowie der Komplexität dessen, was er zu analysieren vorschlägt, sollte schließlich bedacht werden, dass die vorliegende Studie nicht darauf abzielt, das Forschungsthema zu erschöpfen, sondern vielmehr einen Ausgangspunkt für zukünftige Recherchen und eine erste Untersuchung der pluridimensionalen Makroanalyse des Einflusses des Portugiesischen auf die Einwanderungssprache Hunsrückisch darstellt.

Schlüsselwörter: Deutsche Einwanderungssprache. Hunsrückisch. Sprachkontakte. Sprachdominanz. Sprachvitalität.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	13
2.1	O Hunsrückisch: uma língua de imigração alemã.....	13
2.2	Hunsrückisch em contato com o português brasileiro	17
3.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
3.1	Línguas em contato: perspectiva intra e interlingual.....	21
3.1.1	Do contato linguístico ao bilinguismo.....	23
3.2	Vitalidade linguística	24
3.3	Substituição da língua-teto e o conceito de <i>language shift</i>	25
4.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
4.1	O princípio da pluridimensionalidade da variação e mudança linguística	27
4.2	Rede de pontos do ALMA-H.....	28
4.3	Entrevistas	30
4.3.1	Questionário.....	30
4.3.2	Técnica em três tempos	31
4.3.3	Pluralidade de informantes	32
4.4	Variável e dimensões de análise selecionadas	33
4.5	Métodos para a cartografia dos dados.....	34
4.6	Métodos para a análise dos dados	36
5.	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	40
5.1	Visão geral	40
5.2	Análise conforme as dimensões selecionadas	43
5.2.1	Dimensão diastrática.....	43
5.2.2	Dimensão diageracional.....	45
5.2.3	Dimensão diarreligiosa	47
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a dominância do português brasileiro e sua relação com a vitalidade da língua de imigração alemã Hunsrückisch em contato, como indicadores da perda ou manutenção da língua minoritária e de sua possível substituição linguística (*language shift*). Guiando-se por pressupostos da dialetologia pluridimensional e contatual e tendo como base a cartografia de dados do projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch),¹ a pesquisa aqui apresentada lança um olhar macroanalítico sobre os rumos que a língua minoritária e de imigração pode tomar no contato com o português, considerando o mapeamento e a análise de indícios da presença e influência da língua românica na fala de hunsriqueanos de diferentes segmentos sociais e microáreas linguísticas. Para tanto, tem-se como parâmetro, juntamente à fundamentação histórica e conceitual, a variável linguístico-sociológica <grau de dominância do português>.

Essa variável representa aqui, para a autora, uma possibilidade de incursão inicial em um campo de estudo bastante amplo, que busca mesclar conhecimentos da romanística e da germanística. A relação afetiva com a língua materna, o português, ao lado do grande interesse pela língua alemã e sua história no Brasil – oriundo de uma tentativa de reaproximação com a origem familiar e de aprendizados adquiridos ao longo de dois anos atuando no projeto ALMA –, resultaram neste trabalho. Somando-se a isso, vale ressaltar a importância de um reconhecimento de terreno do contato interlíngua entre o Hunsrückisch e as línguas românicas, em especial o português, buscando uma visão mais clara do objeto de estudo que se coloca através do ALMA-H e de várias outras pesquisas.

Como perguntas instigadoras para o tema deste TCC, coloca-se: Quanto de português se “insinua” na fala de um falante de Hunsrückisch? Partindo do pressuposto de que o grau de dominância dessa língua na fala de hunsriqueanos não é igual em cada falante em todas as localidades, em que medida e como variam as marcas da influência de elementos exógenos na língua de imigração alemã em questão, e o que isso pode representar para a sua vitalidade e, conseqüentemente, para o seu futuro? Evidentemente, tendo em vista as limitações que um Trabalho de Conclusão de Curso impõe, não conseguiremos responder de forma conclusiva a essas perguntas. Este estudo constitui uma etapa de preparação para um projeto maior a nível de mestrado, tendo como um de seus objetivos situar a temática e o problema inicial de pesquisa

¹ O projeto ALMA-H está vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, e à Universidade de Kiel, na Alemanha, e atua sob coordenação dos pesquisadores Cléo Vilson Altenhofen (Porto Alegre) e Harald Thun (Kiel).

e, deste modo, delimitar a variável em jogo, bem como os fatores que podem estar tendo influência sobre ela – ou vice-versa, por ela serem influenciados.

Procura-se, primeiramente, realizar um breve levantamento histórico e teórico referente ao Hunsrückisch no Brasil, em especial sua relação com a língua portuguesa, de forma a sintetizar fatos e conceitos que podem servir de auxílio para pesquisas futuras; em seguida, com uma base histórica e teórica desenvolvida e uma análise orientada pela dialetologia pluridimensional e contatual, como apresentada em Thun (1998) e Radkte e Thun (1999), busca-se identificar se existe de fato uma variação no <grau de dominância do português>² na área cartografada e, caso exista, em quais grupos de fala ela é maior. Para tanto, foram utilizadas as entrevistas da pergunta CgramI_43 do questionário do ALMA-H, que corresponde à frase 43 de Wenker³ – “*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*” (pt. “Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido”) – , a qual foi apresentada aos informantes na norma do alemão *standard* para ser por eles traduzida para o Hunsrückisch. As entrevistas aqui trabalhadas já haviam sido minuciosamente transcritas⁴ e só requereram a elaboração de mapas específicos, conforme a metodologia da cartografia pluridimensional adotada no projeto.

Por conta do espaço e do tempo limitados, não se pretende descrever exaustivamente as interferências do português no Hunsrückisch a nível fonético-fonológico, morfossintático ou semântico, mas apenas traçar uma análise objetiva de indicadores de dominância dessa língua na fala dos entrevistados. Com isso em mente, foi elaborado um procedimento de medição, inspirado em Herrgen e Schmidt (1989), a partir do qual se atribuiu a cada entrevista um grau de dominância de 0,0 a 4,0. Esse grau foi quantificado com base em quatro critérios, cuja presença ou não conferia às entrevistas um determinado número de pontos. São eles: a) Repetição da pergunta pelo entrevistador (<F/rep>; 0,5 ponto); b) Tradução da pergunta para o português pelo entrevistador (<F/pt>; de 0,5 a 1,0 ponto); c) Hesitações e pausas nas respostas dos informantes (<HP>; 0,5 ponto); d) Ocorrência de *code-switching* na fala dos informantes (<CS>; de 0,5 a 2,0 pontos). Para o estudo macroanalítico e pluridimensional que se seguiu,

² A variável <grau de dominância do português>, analisada neste trabalho, foi denominada com base no conceito de *dominância* como exposto em Weinreich (1953). Para mais detalhes, ver seção 4.4.

³ Georg Wenker (1852-1911) foi o responsável pela primeira pesquisa dialetológica realizada na Alemanha. Seu trabalho, que resultaria no *Sprachatlas des Deutschen Reichs* (1881), consistiu-se no envio de uma lista de sentenças escritas em alemão *standard* (as chamadas *Wenkersätze*, “frases de Wenker”) para professores no norte da Alemanha, pedindo-lhes que devolvessem a lista transcrita para o dialeto local. (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004).

⁴ A transcrição das entrevistas utilizadas foi realizada a partir de uma colaboração entre a autora deste trabalho, duas queridas colegas de pesquisa (Cláudia F. Pavan e Júlia K. Fussieger) e o Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen. Agradeço muitíssimo aos três.

tomou-se por base, sobretudo, as seguintes dimensões de análise: dimensão diatópica e diatópico-cinética, que consideram, respectivamente, a variação entre as microáreas do Hunsrückisch e os percursos migratórios que as englobam; dimensão diastrática, em que se busca identificar se a escolaridade desempenha papel relevante; dimensão diageracional, ou seja, a variação entre a geração mais velha e a mais jovem, como indicador de mudança em “tempo aparente” (ing. *apparent time*⁵); e, por fim, a dimensão diarreligiosa, através da qual se busca verificar se a confissão religiosa dos falantes tem influência para os dados obtidos.

Previamente à análise dos mapas, temos as seguintes hipóteses:

- 1) Em relação à dimensão diatópica, há correlação entre a origem regional de cada falante e o grau de dominância do português em sua fala, de forma que as áreas de ocupação mais tardia apresentam maiores graus de dominância do português.
- 2) Em relação à dimensão diastrática, há graus maiores de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos Ca (maior escolaridade).
- 3) Em relação à dimensão diageracional, há graus mais elevados de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos GI (geração dos jovens).
- 4) Em relação à dimensão diarreligiosa, os graus de dominância do português são menores na fala de informantes de confissão evangélico-luterana, devido ao seu maior contato com a escrituralidade em alemão.

Pretende-se, a partir da confirmação ou refutação dessas hipóteses, analisar a existência de uma mudança em curso, visto que altos graus de dominância do português afetam a manutenção da vitalidade linguística da língua de imigração e podem acarretar, especialmente quando identificados em grupos de falantes mais jovens, um lento e gradual processo de substituição linguística do Hunsrückisch. Com esse propósito, estruturou-se a presente monografia nas seguintes partes: o capítulo 2, dividido em duas seções, é dedicado à contextualização da pesquisa, em que se busca delimitar o objeto de estudo, o Hunsrückisch, com suas definições, sua origem e desenvolvimento histórico, conforme Altenhofen (1996) e Altenhofen, Morello et al. (2018), assim como traçar uma periodização de seu contato com o português brasileiro. No capítulo 3, reservado à fundamentação teórica, é analisado o conceito de “contato linguístico”, incluindo uma breve explicação de consequências relevantes do fenômeno e sua evolução no contexto de comunidades de fala do Hunsrückisch, bem como os conceitos de “vitalidade linguística”⁶ – com auxílio de documento oficial da UNESCO –,

⁵ Cf. LABOV, 1994.

⁶ Conceito explicado na seção 3.2.

“substituição da língua-teto” e “substituição linguística”⁷ (*language shift*). O capítulo 4 é destinado à apresentação dos aspectos metodológicos do estudo, que seguem os princípios da dialetologia pluridimensional explicitada em Radkte e Thun (1999) e Thun (1998). Esta serve de base para a análise do banco de dados do projeto ALMA-H, construído sobre uma rede de pontos ampla e representativa; também são descritos os procedimentos utilizados nas entrevistas para a coleta dos dados de fala, incluindo seu tratamento (etiquetagem e transcrição),⁸ e elucidadas a variável e as dimensões selecionadas para análise. Finalizada a descrição da metodologia, o capítulo 5 ocupa-se com a análise e interpretação dos dados obtidos com os mapas elaborados para este trabalho – mapas pluridimensional, diastrático, diageracional e diarreligioso. Por fim, nas considerações finais, é feito um balanço das principais reflexões e dos resultados suscitados pelo estudo como um todo, confirmando ou refutando as hipóteses iniciais.

Este trabalho, como já mencionado, não pretende esgotar o tema escolhido para estudo, visto que este é bastante amplo; ele se coloca, antes, como o passo inicial de uma pesquisa que terá seguimento. Propõe-se, neste momento da formação, consolidar uma base teórica e metodológica, fundamentos necessários para uma macroanálise pluridimensional, e, com isso, estabelecer um ponto de partida para estudos futuros, mais aprofundados e com fontes e ferramentas de análise diversificadas. A utilização de um único mapa-base, referente à pergunta CgramI_43 do questionário do ALMA-H, com os quatro mapas elaborados com base na variável <grau de dominância do português> e conforme cada uma das dimensões mencionadas, claramente não nos traz todas as respostas para as questões que aqui se colocam. Ainda assim, apesar das limitações que apresenta um Trabalho de Conclusão de Curso, como um estudo inicial, o que se propõe parece suficientemente elucidativo. Iniciemos, portanto, com o primeiro passo, a contextualização da pesquisa.

⁷ Conceitos explicados na seção 3.3.

⁸ Os métodos utilizados na elaboração e análise dos quatro mapas linguísticos trabalhados são detalhados nas seções 4.5 e 4.6.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, delimitaremos o objeto de estudo, o Hunsrückisch, e o situaremos na perspectiva a partir da qual ele será trabalhado: a do contato linguístico com o português brasileiro. A seção 2.1 é assim destinada à definição do Hunsrückisch, apresentando sua origem, constituição e distribuição pelo Brasil; a seção 2.2 compreende uma periodização do contato da língua de imigração com o português, apresentando também alguns dos fatores extralinguísticos que influenciaram na integração dos elementos românicos na língua de imigração.

2.1 O Hunsrückisch: uma língua de imigração alemã

Quando falamos de línguas de imigração, referimo-nos à definição proposta por Altenhofen e Margotti (2011, p. 290), que as caracterizam como línguas alóctones, ou seja, com origem fora do país, e que “compartilham o *status* de línguas minoritárias”. O Hunsrückisch,^{9,10} língua de imigração que se coloca aqui como objeto de estudo, tem como porta de entrada no Brasil a Real Fitoria de Linho Cãnhamo, atual cidade de São Leopoldo, que, em 25 de julho de 1824, recebeu a primeira leva de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul (RS) (ALTENHOFEN, 1996). Esses imigrantes partiram, em sua maioria, do centro-oeste da Alemanha, de uma região denominada Hunsrück, às margens dos rios Reno e Mosela. Segundo Zchocke (1970, mapa 34 apud ALTENHOFEN, 1996, p. 11), a região situa-se entre Bingen, Trier e Koblenz, na Renânia Central, e sabe-se que engloba uma grande variedade linguística, que se apresenta na forma de um contínuo dialetal do francônio-renano ao francônio-moselano – áreas dialetais separadas por uma faixa de transição, conhecida na dialetologia alemã como *Hunsrückbarriere* ou *Hunsrückshranke* (pt.: “barreira do Hunsrück”) (FRINGS, 1956, p. 113). No mapa de Wiesinger (1983), reproduzido na Figura 1, é possível visualizar a localização da matriz de origem desses imigrantes na Alemanha, bem como a divisão dialetológica da região.

⁹ Atualmente, o Hunsrückisch carrega a definição de *língua* de origem germânica falada no Brasil e em demais regiões da Bacia do Prata. É considerado, desde 2002, parte do patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul (Lei n.º 14.061, de 23 de julho de 2012, no Diário Oficial do Estado) e, desde 2016, como patrimônio cultural imaterial do estado de Santa Catarina (Lei n.º 16.987, de 3 de agosto de 2016, no Diário Oficial do Estado).

¹⁰ Altenhofen (1996) afirma que o termo “Hunsrückisch”, no Brasil, é polissêmico, uma vez que designa uma das muitas variedades dialetais teuto-brasileiras (tal como *Pommerisch*, *Westfälisch*, *Schwäbisch* etc.), ao mesmo tempo em que aparece como autodenominação da própria comunidade para a sua variedade de fala. Dessa forma, como afirmam Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 24, grifo dos autores), “[a] vantagem de termos como *Hunsrückisch*, além de ser termo usual *in vivo* que faz parte da identidade dos falantes, está em permitir resgatar com mais precisão o caminho histórico da língua, de sua variação e mudança”.

Figura 1 – Distribuição dos dialetos alemães na matriz de origem (destaque na região do Hunsrück)



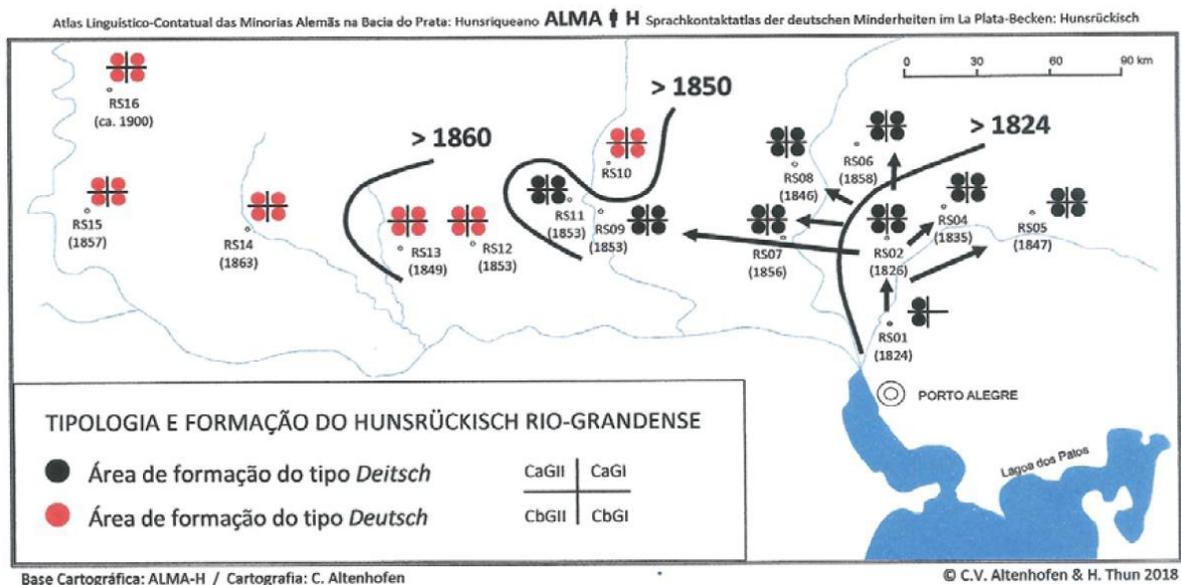
Fonte: Wiesinger (1983, p. 831, mapa 47.4)

Conforme a configuração do Hunsrückisch descrita em Altenhofen (1996), é possível perceber na língua de imigração um predomínio de marcas renanas, consideradas menos dialetais ([− dialetal]), em detrimento das moselanas; ou seja, a língua apresenta marcas mais próximas do que entendemos como *Hochdeutsch*, o alemão-padrão ([+ *standard*]). No entanto, o inevitável contato interdialeto moselano-renano, ainda na matriz de origem, também deixou marcas no Hunsrückisch que chegou ao Brasil, contribuindo ainda mais para sua variação interna, como veremos logo a seguir.

Após a primeira leva de imigrantes no Rio Grande do Sul – que formou as chamadas “colônias velhas” originais no Vale do Rio dos Sinos, mais tarde ocupando também os vales do Caí e do Taquari –, e após também a chegada de alemães em Rio Negro (Paraná) e São Pedro de Alcântara (Santa Catarina), em 1829, a imigração além-mar é interrompida por alguns anos e retomada com o término da Revolução Farroupilha, em 1845 (ALTEHOFEN; MORELLO et al., 2018). A chegada de novas famílias ocupando as terras ao norte do rio Jacuí conclui, desse

modo, a formação das primeiras colônias do Hunsrückish, base para a língua. Altenhofen (2016) diferencia as duas microáreas que constituem as colônias velhas como área *Deitsch* (faixa leste) e área *Deutsch* (faixa oeste), sendo o Vale do Taquari o limite de transição entre elas, como pode ser constatado na Figura 2. Na primeira área, do tipo *Deitsch*, marcada pelo padrão de fala de imigrantes anteriores a 1850, predomina um Hunsrückisch com variantes de caráter [+dialeto]; na segunda área, do tipo *Deutsch*, marcada pelo padrão de fala de imigrantes posteriores, predomina uma língua com variantes [+standard]. Ainda que seja comum a mescla de variantes dos dois tipos (*Deitsch* e *Deutsch*) na fala de um mesmo falante, como mostram as entrevistas realizadas pelo ALMA-H, a diferenciação dessas duas microáreas é relevante para uma primeira noção do desenvolvimento diacrônico e da topodinâmica da língua de imigração em questão.

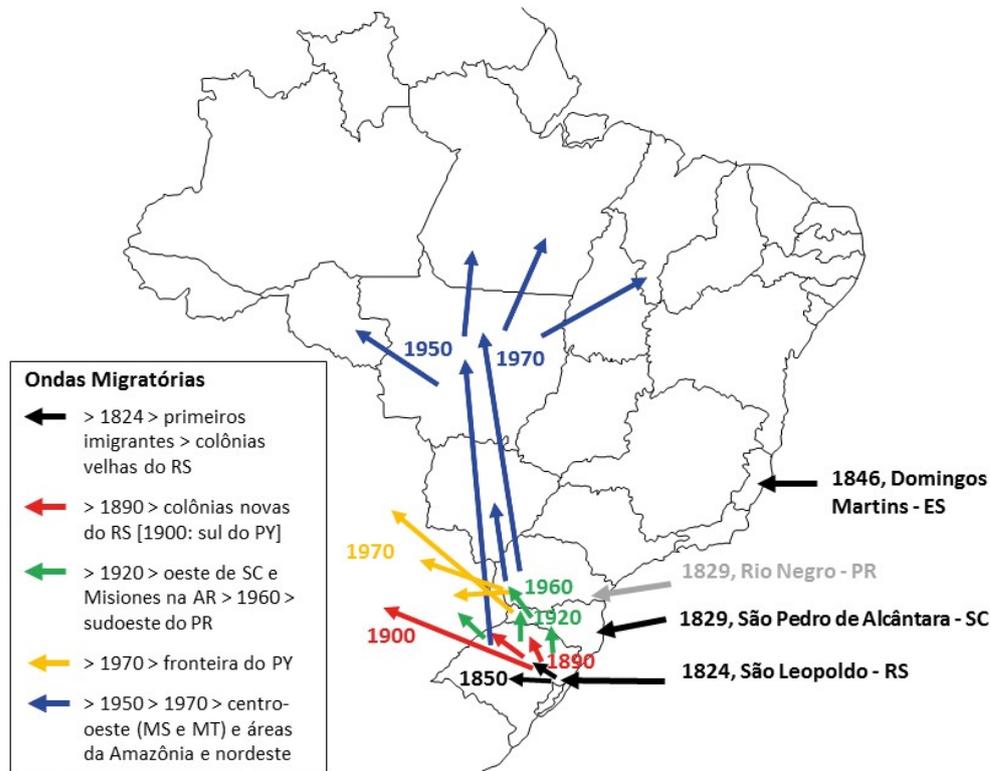
Figura 2 – Formação das microáreas *Deitsch* e *Deutsch* nas colônias velhas do Hunsrückisch rio-grandense



Fonte: Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 70)

Atualmente, existem, no Brasil, três microáreas do Hunsrückisch, formadas a partir da chegada de imigrantes às suas cidades pioneiras e das ondas migratórias que ocorreram em solo brasileiro ao longo dos anos; tratam-se das áreas do Hunsrückisch rio-grandense (Hrs.), leste-catarinense (Hsc.) e do Espírito Santo (Hes.). Como a Figura 3 nos permite visualizar, as migrações internas para as colônias novas – importantes para “esvaziar” um pouco as primeiras colônias, que cresciam de forma acelerada – tiveram início em 1890, no início da República. A partir de 1920, o fluxo migratório alcança Santa Catarina e Misiones, na Argentina; nos anos 1970, atinge regiões de fronteira com o Paraguai e o centro-oeste do Brasil, bem como áreas da Amazônia e até mesmo do nordeste (ALTENHOFEN; MORELLO et al., 2018).

Figura 3 – Migrações dos falantes de Hunsrückisch e sua difusão no Brasil e demais áreas da Bacia do Prata



Fonte: © C. V. Altenhofen (ALMA-H, 2018)

Dessa forma, considerando as migrações por extensas regiões do Brasil e demais áreas da Bacia do Prata, o Hunsrückisch sofreu e ainda sofre influências de contatos linguísticos com diferentes variedades do alemão e com o português e outras línguas faladas em seu entorno. Em relação à influência do contato pelo lado germanístico, temos, no Brasil, pelo menos nove variedades, somando-se a elas o Hochdeutsch, provenientes de diferentes regiões da Alemanha e estabelecidas em solo latino-americano também em espaços distintos. Assim, como bem aponta Altenhofen (2019, p. 533, grifo e tradução nossa¹¹), o Hunsrückisch funciona como “[...] uma *Mittelfeldsprache* [‘língua de intermediação’] entre as diversas variedades de dialeto em contato e a norma padrão, que muitas vezes é alcançada apenas parcialmente”.

Quando analisamos a influência do contato pelo lado romanístico, percebemos também a marca da variação diatópica. Como mostram os levantamentos e pesquisas no âmbito da variação linguística desenvolvidos no Brasil até hoje, o país é sede de uma variedade belíssima, tendo o Hunsrückisch entrado em contato, conforme o inventário da língua (ALTENHOFEN; MORELLO et al., 2018), com o português rio-grandense, o português açoriano-catarinense e o português capixaba – podemos levar em conta, também, a variação entre regiões mais

¹¹ “[...] eine ‚Mittelfeldsprache‘ zwischen den verschiedene Dialektvarietäten in Kontakt und der oft nur partiell zu erreichenden Standardnorm.”

urbanizadas e mais rurais, regiões serranas e fronteiriças, ou mesmo entre diferentes classes sociais e níveis de escolaridade. Já no Paraguai, no Uruguai e na Argentina – demais países que compõem a região da Bacia do Prata –, temos também o contato com o espanhol e suas variedades. Podemos citar ainda outras línguas, como o italiano, o polonês e o russo, presentes na região Sul do Brasil, e as línguas indígenas e de origem africana, tão importantes para a constituição do falar brasileiro e com as quais o falante de hunsriqueano também se entrou em contato ao migrar pelo país.

Logo, recapitulando, o Hunsrückisch é apresentado aqui como língua minoritária e de imigração, com origem linguística delimitada essencialmente na região do Hunsrück, na Alemanha, e que engloba o contínuo dialetal francônio-moselano ([+ dialetal]) e francônio-renano ([+ *standard*]). A partir de 1824, a língua passa a sofrer influências também de contatos linguísticos com outras variedades do alemão presentes no Brasil, bem como com o português e as demais línguas faladas no país e restante da região da Bacia do Prata. Neste trabalho, nosso foco recai sobre o contato do Hunsrückisch com o português brasileiro, cuja periodização e influência será melhor detalhada na seção seguinte.

2.2 Hunsrückisch em contato com o português brasileiro

Quando a primeira leva de imigrantes alemães chegou ao Rio Grande do Sul, a Alemanha ainda não era um estado nacional como a conhecemos hoje. A unificação do país ocorreria apenas em 1871, quase 50 anos após a constituição das primeiras colônias no Brasil; até então, o que reinava em território germânico eram a pobreza, as perseguições religiosas, o crescimento populacional demasiado, as crises econômicas e a fome (ALTENHOFEN, 1996). Os imigrantes buscavam uma vida nova e melhor nas Américas, ainda mais em um país recém independente como o Brasil, necessitado de habitantes e de mão-de-obra. Assim, movidos “[...] pelo sonho de possuir seu próprio pedaço de terra, [eles sucumbiram] muito facilmente à publicidade das agências de emigração, que nem sempre conseguiam cumprir com suas promessas” (ALTENHOFEN, 1996, p. 16-17, tradução nossa¹²).

Como vimos na seção anterior, a maioria desses imigrantes vinha da região do Hunsrück, em especial da área dialetal francônio-renana. Porém, é importante ter em mente que, nas comunidades formadas no RS, havia moradores provenientes de outras regiões do território de língua alemã, como prussianos, pomeranos, austríacos, suíços, renanos e bávaros,

¹² „[...] vom Traum vom eigenen Stück Land, [unterlagen sie] sehr leicht der Werbung der Auswanderungsagenturen, die in ihren Versprechungen nicht immer Wort halten konnten.“

e estes também trouxeram consigo seus respectivos dialetos (SPINASSÉ, 2008). O Hunsrückisch prevalece como a “língua de intermediação” citada por Altenhofen (2019), acolhendo elementos dessas variedades e do *Hochdeutsch*, que inevitavelmente também se fazia presente.

Inicialmente, essas comunidades se desenvolveram como “ilhas linguísticas”,¹³ isoladas do português e de outras línguas presentes em solo brasileiro e se constituindo a partir desses contatos interdialetais (SPINASSÉ, 2008). Dessa forma, os imigrantes conseguiram construir uma estrutura independente e autossuficiente por algum tempo, tendo de “[...] organizar escolas e igrejas, conseguir professores e pastores, e construir os centros comunitários [por conta própria], para que assim pudessem estabelecer uma estrutura social normal” (SPINASSÉ, 2008, p. 5). Ainda que o Império já demonstrasse preocupações com a assimilação do português como língua oficial pelos imigrantes (ALTENHOFEN, 2004), essa reclusão inicial naturalmente auxiliou para que a língua românica não fosse ensinada e utilizada dentro dessas comunidades por um período – as aulas e missas eram até então realizadas sempre na variedade local. Com o passar dos anos, o desbravamento de novas terras para ampliar as colônias velhas e as migrações de descendentes para outras áreas do RS, mas principalmente a eventual necessidade de investir no comércio com habitantes de fora das comunidades, levaram ao ingresso do português no cotidiano dos imigrantes.

Com a passagem para o Brasil República, em 1889, as medidas de disseminação do português entre as comunidades de imigrantes se tornaram mais concretas. Assim, apesar da resistência e do fortalecimento das colônias na preservação da variedade local, o movimento contrário do Estado crescia cada vez mais, como bem aponta Oliveira (2004, p. 223, grifos do autor):

A política linguística do Estado sempre foi a de *reduzir* o número de línguas num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de *deslocamento linguístico*, isto é, de sua substituição pelo português. A história linguística do Brasil poderia ser contada pela sequência de políticas linguísticas homogeneizadoras e repressivas e pelos resultados que alcançaram.

A “assimilação forçada” do português, no entanto, teve início de fato em decorrência da tensão gerada pelas duas guerras mundiais, com o eminente “perigo alemão”, e da famosa Campanha de Nacionalização, implementada a partir de 1938 por Getúlio Vargas, durante o governo do Estado Novo. Visando o fortalecimento de um patriotismo, as medidas tomadas na campanha incluíam impedir o acesso ao ensino do alemão-padrão, por meio do ensino exclusivo

¹³ Conforme Wiesinger (1983), *Sprachinseln* (“ilhas linguísticas”) são assentamentos relativamente pequenos e isolados em que se fala determinada língua, localizados em meio a uma área maior, em que outro idioma é utilizado.

do português, e proibir que a população alóctone se expressasse em sua variedade local (ALTENHOFEN, 1996).

Além dos fatores de imposição por parte do Estado, fatores extralinguísticos do âmbito das relações e da própria origem dos imigrantes influenciaram também na integração do português no Hunsrückisch. Do ponto de vista diacrônico, por exemplo, temos, com a ocupação do oeste do Reno durante o Império Romano, a influência do latim na fala local na altura do Hunsrück e do Palatinado. Somando-se a isso, Thun e Wilkin (2018, p. 43) afirmam, com base em cartas de gerações anteriores a dos imigrantes alemães vindos para o Brasil, datadas de 1805 a 1813 – período das Guerras Napoleônicas –, que o contato destes com o falar francês teria também ficado de herança para o Hunsrückisch como uma “predisposição para a romanização”, ou seja,

[...] a nova romanização do Hunsrückisch na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade entre essas línguas românicas. Isso também tem motivos extralinguísticos paralelos. Por essa razão, o processo de re-romanização pôde iniciar rapidamente. (THUN; WILKIN, 2018, p. 43).

Posteriormente, no Brasil, a já mencionada necessidade de investir no comércio para fora das comunidades, além de questões como a partida de jovens das colônias para regiões urbanas em busca de mais oportunidades, ou mesmo a introdução da televisão nos lares das famílias, por volta dos anos 1970, facilitaram o contato com o português e o aprendizado da língua – assim como a assimilação de elementos dela nas variedades linguísticas locais. Ademais, a partir dos anos 1970-80, estudos que lançam luz sobre a questão da variedade linguística e dos contatos linguísticos entre o português e as línguas de imigração no Brasil começam a ganhar espaço, e políticas linguísticas a favor da educação bilíngue se sobressaem gradualmente (ALTENHOFEN, 2004; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). As primeiras pesquisas a respeito do contato entre o português e línguas de imigrantes europeus no país, por exemplo, foram de responsabilidade de Heinrich Bunse, no Rio Grande do Sul, e Paulino Vandresen, em Santa Catarina; ainda, no final dos anos 1980, projetos como o ALERS¹⁴ (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) e o VARSUL¹⁵ (Variação Linguística Urbana

¹⁴ Para saber mais sobre o projeto ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), uma breve apresentação, inclusive com a possibilidade de *download* da publicação (cf. KOCH; ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011; ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011), encontra-se disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/alers/>. acessar: <https://www.ufrgs.br/projalma/alers/>.

¹⁵ Para saber mais sobre o projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País) acessar: <http://www.varsul.org.br/>.

no Sul do País) já consideravam a variável <bilinguismo> um critério fundamental em seus levantamentos.

Apesar de todo o contato e integração de elementos de diferentes dialetos de origem alemã, do português e de outras línguas de seu entorno, considerar o Hunsrückisch atualmente apenas como uma grande “mistura”, um *Misch-Masch*, ou encará-lo a partir de uma visão homogeneizadora remanescente de classificações como *Brazilian German* (SCHAPELLE, 1917), *Brasildeutsch* (HEYE, 1981), *Deutschbrasilianisch* (FAUSEL, 1959) ou *deutsch-brasilianischen Mischprache* (BOSSMANN, 1953), reduz significativamente sua complexidade como língua – além de sustentar a noção errada de que existem línguas completamente puras. Ademais, o Hunsrückisch é, para muitos de seus falantes, a língua de casa, a “língua materna” – em toda a complexidade e polissemia que tal denominação contém. Ela representa a origem e exerce a função de língua familiar. Ainda assim, como afirma Altenhofen (1996, p. 28, tradução nossa¹⁶), o Hunsrückisch, “[e]m contraste com seu equivalente no antigo país, [...] tem o *status* de língua de imigração (*Deutsch* ou alemão), que se insere no domínio do pt.”; ou seja, mesmo com todo o valor afetivo e identitário que carrega e sua tamanha complexidade, o Hunsrückisch é considerado no Brasil uma língua alóctone minoritária, ainda desprovida de reconhecimento e autonomia como língua brasileira.

Com base no exposto, cabe questionar: até que ponto a crescente presença, interferência e integração de elementos do português no Hunsrückisch representa um enriquecimento da língua, e até que ponto representa uma ameaça para sua vitalidade? Atualmente, o Hunsrückisch apresenta marcas consideráveis do contato com o português, seja a nível semântico-lexical, fonético-fonológico, morfossintático ou mesmo em situações em que os hunsriqueanos fazem uso do próprio português, a chamada alternância de código (*code-switching*). No próximo capítulo, analisaremos melhor alguns destes e outros conceitos que permeiam o trabalho, instigando também reflexões que poderão auxiliar na análise dos dados com que trabalharemos mais adiante.

¹⁶ „[...] trägt im Gegensatz zu seinem Äquivalent in der alten Heimat den Status einer Immigrantensprache (Deutsch bzw. alemão), die unter der Überdachung des Ptg. steht.“

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, desenvolveremos melhor alguns conceitos relevantes para a fundamentação deste trabalho, alguns deles já mencionados no capítulo anterior. Primeiramente, na seção 3.1, a questão do contato linguístico será aprofundada. Na seção 3.2, discutiremos sobre a vitalidade linguística. Por fim, na seção 3.3, os conceitos de “substituição da língua-teto” e de *language shift* serão trabalhados.

3.1 Línguas em contato: perspectiva intra e interlingual

Desde o clássico estudo de Weinreich (1953), *Languages in contact*, o tema do contato linguístico tem ganhado cada vez mais destaque, contribuindo profundamente com discussões e debates sobre o bilinguismo e a diversidade linguística. Uma constelação de fatores entram em jogo para que esse contato ocorra, desde a existência de fronteiras linguísticas até as imigrações e migrações internas, que, em geral, implicam “[...] uma *transposição* de um contexto sociocultural e político a outro e, conseqüentemente, uma mudança de *status* social e político” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290, grifos dos autores).

Quando pensamos na classificação desses contatos, podemos analisá-los a partir das perspectivas intra e interlingual. Conforme Altenhofen (1996, p. 27-28, tradução nossa¹⁷),

[a]lém do encontro entre marcas dialetais da matriz de origem, devem ser levados em consideração os fenômenos causados pelo contato linguístico externo. Assim, distinguimos os contatos interdialetais, ou intralinguais, dos interlinguais, através dos quais o contato com o pt. [português], a língua oficial do Brasil, deixou traços mais perceptíveis, especialmente de interferência lexical. Esta última é a diferença mais significativa entre o Hrs. [Hunsrückisch rio-grandense] e o [Hunsrückisch renano].

Os contatos inter e intralingual referem-se, como o nome já diz, aos contatos entre línguas e entre variedades dentro de uma mesma “língua histórica”.¹⁸ Temos, no Hunsrückisch, o contato da língua de imigração com o português e o espanhol – também com o francês no início do século XIX, como vimos no capítulo anterior –, que constitui o lado interlingual dessa relação e mostra-se de interesse mais romanístico. Ao mesmo tempo, o contato com outros

¹⁷ „Neben dem Zusammentreffen kontrastierender Dialektmerkmale der Ausgangsbasis müssen die durch den externen Sprachkontakt bedingten Phänomene in Betracht gezogen werden. Wir unterscheiden also interdialektale bzw. intralinguale gegenüber interlingualen Kontakten, wobei der Kontakt mit dem Ptg., der Amtssprache Brasiliens, die deutlichsten Spuren vor allem lexikalischer Interferenz hinterlassen hat. Letzterer macht den bedeutendsten Unterschied zwischen dem Hrs. und dem RhHr. aus.“

¹⁸ Segundo Coseriu (1980, p. 110), “língua histórica” é aquela “constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas, habitualmente através de um adjetivo ‘próprio’: língua *portuguesa*, língua *italiana*, língua *inglesa*, língua *francesa*, etc.”

dialetos de origem alemã, ainda na Alemanha ou mesmo já no Brasil, bem como as relações presentes em meio à variação no próprio Hunsrückisch, constituem o lado interdialetoal ou intralingual, cujo interesse é mais germanístico. Vale mencionar, enfatizando a complexidade que o contato linguístico proporcionou à constituição do Hunsrückisch, o contato da língua com falares indígenas e afro-brasileiros, bem como, no caso da relação com o português, do contato intralingual presente “dentro” deste último, no caso, entre suas próprias variedades, mencionadas anteriormente.

Dentre possíveis consequências do contato linguístico, podemos destacar as interferências, os empréstimos e as alternâncias de código (*code-switching*). Weinreich (1953, p. 1, tradução nossa¹⁹) define “interferência”²⁰ como

[...] o remanejamento de padrões resultante da introdução de elementos exógenos em domínios mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonético, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário (parentesco, cor, clima, etc.).

Outra consequência são os empréstimos, que constituem um fenômeno mais coletivo, definido por Evanildo Bechara (2009, p. 294) como

[...] palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados [...] de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras [...] que são incorporados ao léxico da língua comum.

Quanto ao conceito de “alternância de código”, Calvet (2002, p. 34) afirma que, “[...] quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados ‘bilíngues’”. Nesse sentido, Altenhofen (2019) aborda o conceito de *Sprachrepertoire* (pt. “repertório linguístico”), que, no caso do Hunsrückisch, configura-se a partir do contato entre diferentes línguas e variedades e desenvolve nos falantes a habilidade de alternar entre elas na comunicação local.²¹ A seguir, discorreremos um pouco mais sobre o tema, sob a perspectiva do bilinguismo.

¹⁹ “[...] the rearrangement of patterns that result from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language, such as the bulk of phonemic system, a large part of the morphology and syntax, and some areas of the vocabulary (kinship, color, weather, etc.).”

²⁰ Hoje, um conceito contestado. Muitos preferem utilizar “transferência” (ing. *transfer*) para se referir à influência natural de uma língua sobre outra; já “interferência” passa a significar, de forma geral, “transferências negativas”.

²¹ García (2015) chama esse repertório linguístico de *translanguaging*; Thun (2010) menciona os *variety complexes*, referindo-se a cada língua em contato com elementos de diferente variedades.

3.1.1 Do contato linguístico ao bilinguismo

O bilinguismo pode ser definido como “a prática de utilizar alternadamente duas línguas” (WEINREICH, 1953, p. 1, tradução nossa²²). É natural que, do contato linguístico constante e a longo prazo entre o Hunsrückisch e o português, falantes hunsriqueanos tenham desenvolvido gradualmente um domínio também da língua brasileira, utilizando-a no dia a dia conforme as situações em que se encontram e as pessoas com que convivem.

Ao longo da história do Hunsrückisch no Brasil, como vimos, enquanto a manutenção da língua de imigração se deu no contato com a família, nas comunidades de falantes e em suas celebrações tradicionais, o português entra como necessidade social de adaptação e busca por pertencimento. Ao mesmo tempo em que o ensino de português serviu, por muitos anos, como uma espécie de abrasileiramento forçado, muitos descendentes de imigrantes tentavam conciliar nacionalidade e uso da língua aprendida no lar (SEYFERTH, 1982). Mais tarde, o trabalho no âmbito das políticas linguística a favor do bilinguismo ajuda a desacelerar o apagamento de línguas minoritárias como as de imigração, que sequer são consideradas na legislação vigente (ALTENHOFEN, 2004).

Altenhofen (2002) escreve sobre o bilinguismo precoce e simultâneo, em que o falante aprende, desde pequeno, duas línguas ao mesmo tempo – uma em casa e outra na escola. Esse é o caso de muitos membros de comunidades bilíngues no Sul do Brasil. Ainda assim, pode haver certa oscilação em relação ao momento de início da aprendizagem simultânea, oscilando, da mesma forma, *a medida em que* cada falante se mostra bilíngue. Dessa forma,

[...] nenhum bilíngue é igualmente bilíngue, pois o grau de proficiência em L1 e L2 e as habilidades de uso dessa língua variam de tal modo que se torna difícil determinar até onde um comportamento é uma exceção ou corresponde a uma conduta coletiva da comunidade. (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2001, p. 297).

A seguir, trataremos de um conceito intimamente afetado pelo contato linguístico e o bilinguismo, podendo sofrer influências positivas ou negativas conforme fatores externos/sociais e do indivíduo/subjetivos. Vejamos.

²² “The practice of alternately using two languages [...]”.

3.2 Vitalidade linguística

O termo *vitalidade* corresponde à força vital, à capacidade de viver, de se desenvolver (HOUAISS, 2001, p. 764). Quando falamos de vitalidade linguística, inevitavelmente lançamos luz sobre questões como as de línguas ameaçadas, proteção e revitalização linguística. A partir do final dos 1980, essas temáticas passam a ganhar destaque: autores como Dorian (1998), Fishman (1991) e Robins e Uhlenbeck (1991) escrevem artigos e livros influentes tratando da vitalidade e da ameaça de extinção de determinadas línguas; já em anos mais recentes, as editoras das universidades de Cambridge e de Oxford publicam, respectivamente, o *Cambridge Handbook of Endangered Languages* (2011) e o *Oxford Handbook of Endangered Languages* (2018).

Conforme o documento intitulado *Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas*, adaptado com base na “Reunião internacional de peritos sobre o programa da UNESCO ‘Salvaguarda das Línguas Ameaçadas’” (UNESCO, 2003), a complexidade e diversidade das comunidades linguísticas dificulta encontrar um único aspecto que meça e indique a vitalidade de uma língua. No documento, são listados pelo menos seis fatores que contribuem para essa avaliação, são eles: 1) A transmissão intergeracional da língua; 2) O número absoluto de falantes; 3) A proporção de falantes no conjunto da população; 4) As mudanças nas áreas de uso da língua; 5) A resposta a novas áreas e meios de comunicação; 6) A disponibilidade de materiais para o aprendizado e o ensino da língua.

Ainda que a cultura e a política linguística dominantes, sejam regionais ou nacionais, tenham forte influência sobre a manutenção de uma língua, o investimento da própria comunidade de falantes em preservá-la é também de grande importância. Atitudes positivas dos falantes em relação à língua estimulam a sua manutenção, podendo servir inclusive como um símbolo central da identidade coletiva (UNESCO, 2003). Atitudes negativas, no entanto, surtem efeito contrário. Muitos falantes de Hunsrückisch, por exemplo, deparam-se com juízos de valor depreciativos sobre sua língua, vista por vezes como “*verlorene Sproch* (língua perdida), *verbrochene Deutsch* (alemão quebrado), *Heckedeutsch* (alemão do mato), alemão errado e sem gramática, língua de colono, até a afirmação de que ‘não é alemão’, ou sequer ‘uma língua’” (ALTENHOFEN, 2004, p. 91). Atributos nocivos como esses acabam, muitas vezes, sendo aceitos pelas comunidades de fala e contribuem para uma desvalorização e possível substituição linguística – conceito que será melhor desenvolvido a seguir.

3.3 Substituição da língua-teto e o conceito de *language shift*

Os conceitos tratados nesta seção entram como possíveis consequências a longo prazo da influência de uma língua majoritária (português) sobre uma língua minoritária (Hunsrückish). Conforme Altenhofen, Morello et al. (2018), a substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*)²³ equivale à substituição das funções formais da língua, incluindo a escrita; já a substituição linguística (*language shift*) refere-se à substituição da língua propriamente dita. São fenômenos, em especial o último, que ocorrem quando a língua se encontra em “perigo”, ou seja, “[...] quando seus falantes deixam de utilizá-la, quando a usam em um número cada vez mais reduzido de áreas de comunicação e quando deixam de transmiti-la de uma geração à seguinte” (UNESCO, 2003, p. 2, tradução nossa²⁴).

No caso do Hunsrückisch, a substituição da língua-teto ocorre através da troca do alemão-padrão pelo português como variedade de referência em situações formais. Altenhofen (2016, p. 122, tradução nossa²⁵) cita como exemplo dessa substituição a comparação das habilidades de leitura de falantes mais velhos e mais jovens:

Enquanto a geração mais velha demonstra uma competência de leitura mais forte no alemão padrão e mostra dificuldades na leitura do português, constata-se, na geração mais jovem, grandes dificuldades na leitura de textos em alemão e, contrariamente, uma competência fluente na leitura do português.

Quanto ao *language shift*, Weinreich (1953, p. 68, grifos e tradução nossa²⁶) escreve que o conceito “[...] pode ser definido como a mudança do uso habitual de uma língua para o de outra. [...] pode ser analisado por referência tanto aos critérios descritivos do linguista como à experiência subjetiva do próprio falante”. Sobre o conceito, podemos acrescentar ainda a observação de Bagno (2017), que afirma se tratar justamente de um fenômeno visto, de forma geral, em comunidades de imigrantes. Assim, há tamanha adaptação destas à língua da sociedade em que estão inseridas, que acabam por abandonar sua variedade local. Esse processo

²³ O termo *Dachsprache* (“língua-teto”) se refere a uma língua que serve como “padrão” e referência para um grupo de idiomas. O conceito remonta ao modelo de línguas *Ausbau* (“por desenvolvimento”) e *Abstand* (“por distância”) cunhado por Heinz Kloss, linguista e especialista em línguas minoritárias. Para saber mais sobre o assunto, cf. KLOSS, 1976.

²⁴ “[...] cuando sus hablantes dejan de utilizarla, cuando la usan en un número cada vez más reducido de ámbitos de comunicación y cuando dejan de transmitirla de una generación a la siguiente.”

²⁵ „Während die ältere Generation eine stärkere Lesekompetenz im Hochdeutschen nachweist, hingegen Schwierigkeiten im Lesen des Portugiesischen zeigt, sind in der jüngeren Generation große Schwierigkeiten beim Lesen des deutschen Textes festzustellen, und umgekehrt eine fließende Kompetenz beim Lesen des Portugiesischen nachzuweisen.“

²⁶ “[...] language shift may be defined as the change from the habitual use of one language to that of another. [...] The language shift can be analyzed by reference to either the descriptive linguist’s criteria or the subjective experience of the speaker himself.”

pode ocorrer ao longo de várias décadas, atravessando gerações, ou de forma mais imediata, por meio de políticas linguísticas que impõem a língua oficial. Logo, como podemos concluir também de tudo o que foi exposto até aqui,

[o] perigo de desaparecimento de uma língua pode ser resultado de forças externas, como a subjugação militar, econômica, religiosa, cultural ou educacional, ou pode ser causado por forças internas, como a atitude negativa de uma comunidade em relação a sua própria língua. (UNESCO, 2003, p. 2, tradução nossa²⁷).

Concluimos, assim, a fundamentação teórica deste trabalho. Tratamos aqui das temáticas principais que permeiam o estudo, o contato, a vitalidade e a substituição linguística, todas intimamente relacionadas. Tendo, com o capítulo 2, uma base histórica para nossa pesquisa e, com este capítulo 3, uma consolidação dos conceitos que a amparam, partimos para a apresentação da metodologia utilizada na coleta, cartografia e análise dos dados.

²⁷ “[el] peligro de desaparición de una lengua puede ser el resultado de fuerzas externas, tales como el sojuzgamiento militar, económico, religioso, cultural o educativo, o puede tener su causa en fuerzas internas, como la actitud negativa de una comunidad hacia su propia lengua.”

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda questões referentes à metodologia do trabalho. Primeiro, será elucidado o princípio da pluridimensionalidade, seguido neste estudo, conforme Thun (1998) e Radkte e Thun (1999). Em seguida, o foco recai sobre o projeto ALMA-H, sendo apresentada sua rede de pontos, bem como o processo de coleta de seu banco de dados, base para esta monografia. Por fim, identificamos as variáveis e dimensões selecionadas para a investigação cartográfica proposta aqui, seguidas pelos métodos para a cartografia e análise dos mapas.

4.1 O princípio da pluridimensionalidade da variação e mudança linguística

Este trabalho se orienta pelo princípio da pluridimensionalidade da variação e mudança linguística, explicitado por Thun (1998) e Radkte e Thun (1999) – esta última publicação foi feita a partir dos estudos apresentados no simpósio “Novos caminhos da geolinguística românica”, em 1996. Segundo os autores, a dialetologia pluridimensional surge, em vista da autocrítica impulsionada pela chamada “crise da dialetologia”, superando as limitações da dialetologia monodimensional tradicional, cuja análise dos dados se detinha até então apenas à variação diatópica, ou seja, de um ponto geográfico a outro.

O princípio da pluridimensionalidade oferece ao pesquisador uma maior quantidade de dados e de possibilidades de cruzamento entre eles, por meio da análise de novas dimensões de variação, como a diassexual – entre a fala de homens e mulheres –, a diastrática – entre estratos sociais distintos –, a dialingual – entre falantes de uma ou mais línguas – e a diafásica – entre os estilos de fala empregados conforme cada situação. Dessa forma, uma análise pluridimensional dos dados busca unir os recortes horizontal/geográfico (dialetologia tradicional) e vertical/sociológico (sociolinguística), identificando tendências de variação da língua nas dimensões selecionadas pelo pesquisador.

Na cartografia de dados do projeto ALMA-H, o princípio é aplicado a uma grande rede de pontos de pesquisa – como veremos na seção seguinte –, isso implica o que chamamos de “macroanálise”, na qual são estabelecidas correlações entre os dados de fala registrados em campo, as microáreas de pesquisa e o perfil social dos entrevistados. As dimensões consideradas na constituição do banco de dados do projeto podem ser constatadas no Quadro 1; nem todas serão utilizadas na análise dos mapas elaborados para este trabalho, porém, apresentá-las no seu todo torna-se importante para ter em vista o conjunto de possibilidades de estudo de que um pesquisador do ALMA dispõe.

Quadro 1 – Dimensões de análise consideradas no projeto ALMA-H

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostático (informantes com domicílio fixo)	44 pontos de inquérito
Diatópico-cinética	Topodinâmico (domicílio fixo e mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Também relação entre colônias velhas e novas
Diastrática	Ca = “classe (socioculturalmente) alta Cb = “classe (socioculturalmente) baixa”	Ca (com formação universitária parcial ou completa) / Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
Diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
Diassexual	Homens / Mulheres	-
Dialingual	Hunsrückisch / Português / Alemão- Padrão	Complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS ²⁸ e ALiB ²⁹)
Diafásica	Respostas ao questionário vs. leitura vs. conversa livre	Três estilos de uso da língua
Diarreferencial	Língua-objeto / Metalinguagem	“técnica de em três tempos”: perguntar – insistir – sugerir
Diarreligiosa	Católico / Evangélico-Luterano	-

Fonte: Adaptada do site do projeto ALMA-H (2017)³⁰

4.2 Rede de pontos do ALMA-H

Podemos dizer que uma rede de pontos funciona como um DNA, cada ponto com seus genes, que carregam características linguísticas, históricas, geográficas e sociais e configuram um todo. Essas localidades são passíveis tanto de um olhar analítico individual – quando pensamos em cada um de seus membros separadamente, seus comportamentos linguísticos e suas relações –, como sintético – considerando a coletividade e identificando tendências.

Atualmente, o projeto ALMA-H conta com um total de 44 pontos de inquérito. Trata-se de uma rede que abrange áreas linguísticas do Hunsrückisch situadas nas regiões de colonização alemã nos três estados do Sul do Brasil (PR, SC e RS), além de duas cidades no Mato Grosso

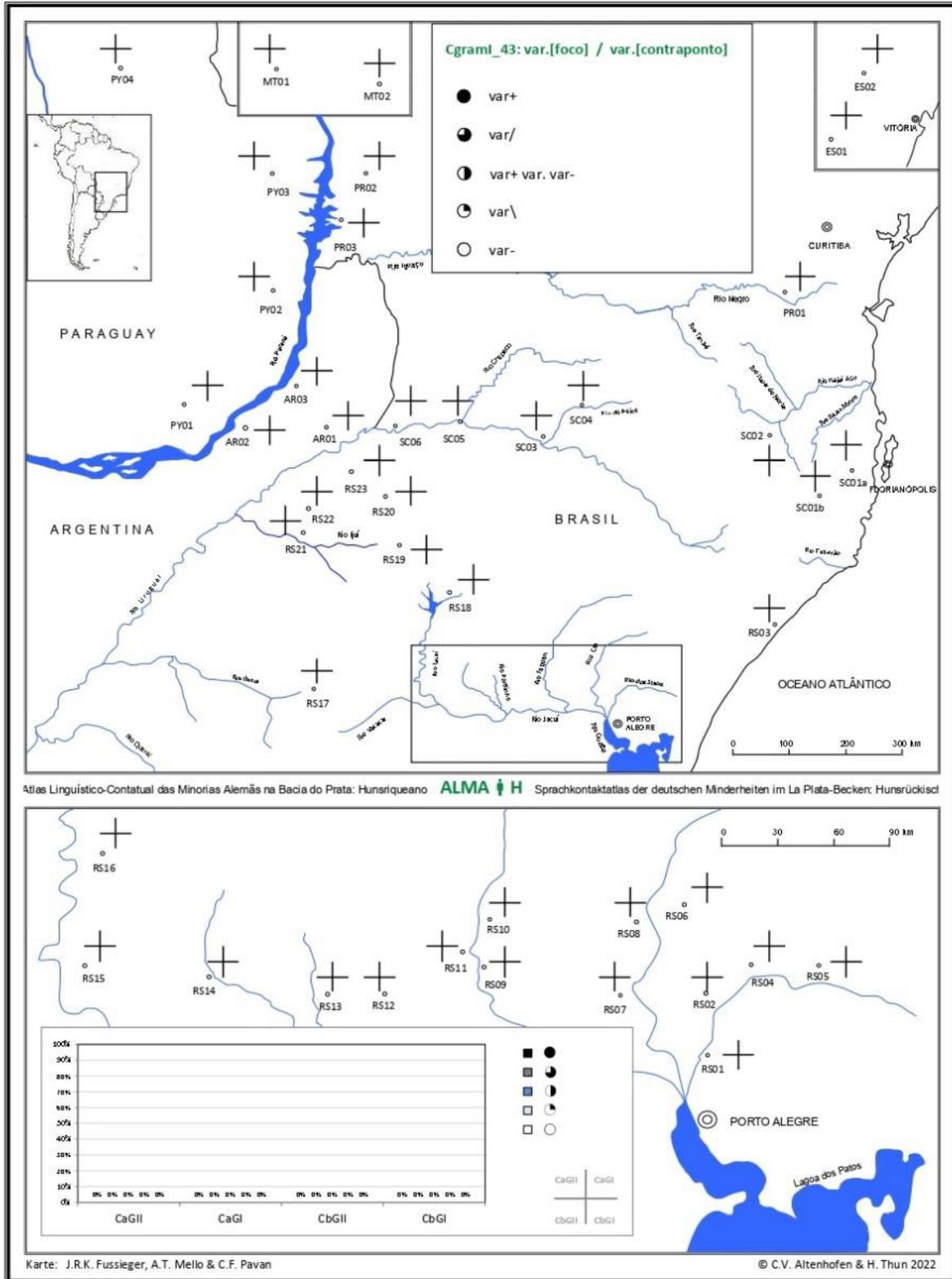
²⁸ Ver nota de número 15, p. 18.

²⁹ Para saber mais sobre o projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) acessar: <https://alib.ufba.br/>. Conferir também a publicação de Cardoso et al. (2014).

³⁰ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/informantes/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

(MT), duas no Espírito Santo (ES) e localidades que ultrapassam as fronteiras políticas do país, alcançando pontos no leste da Argentina (AR, Misiones) e do Paraguai (PY).

Mapa 1 – Rede de pontos do projeto ALMA-H no mapa-base pluridimensional da pergunta CgramI_43



Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_MATRIX (2022)

As localidades, como podemos ver no Mapa 1, são identificadas com códigos de área e números, cujo ordenamento segue o percurso migratório dos imigrantes e seus descendentes – do ponto mais antigo ao mais recente, do sul–leste ao norte–oeste. Dessa forma, temos os pontos RS01 ao RS23 no Rio Grande do Sul, SC01a ao SC06 em Santa Catarina, PR01 ao PR03 no Paraná, MT01 e MT02 no Mato Grosso, AR01 ao AR03 na Argentina, PY01 ao PY04 no Paraguai e, por fim, ES01 e ES02 no Espírito Santo.

4.3 Entrevistas

Entre os anos de 2007 e 2014, o ALMA-H realizou entrevistas nos pontos de pesquisa apresentados na seção anterior. Um dos principais objetivos das entrevistas era obter uma amostra do alemão local, previamente certificado se tratar do Hunsrückisch (parte A do questionário do ALMA-H, ver subseção 4.3.1). Todas as entrevistas foram feitas com base no questionário elaborado pelo projeto e seguindo a “técnica em três tempos”, conforme Thun ([2005] 2017). Esses dois tópicos, bem como a caracterização do perfil dos entrevistados, serão abordados a seguir.

4.3.1 Questionário

Como instrumento de coleta de dados para as entrevistas foi utilizado um questionário dividido em seis partes, conforme o nível de análise predentido:

- a) Identificação sociológico-linguística dos informantes (37 perguntas)
- b) Pequena descrição da localidade (4 perguntas);
- c) Parte linguística (401 perguntas)
 1. Léxico (246 perguntas, ordenadas em categorias)
 2. Fonologia (93 perguntas – técnica de entrevista: apresentação em português, resposta equivalente à tradução para o Hunsrückisch)
 3. Gramática I (frases de Wenker, 43 perguntas – técnica de entrevista: tradução do alemão-padrão para o Hunsrückisch)
 4. Gramática II (morfossintaxe, 17 perguntas complementares às frases de Wenker – técnica de entrevista: tradução do português para o Hunsrückisch)
 5. Gramática III (competência linguística no alemão-padrão, 11 perguntas – técnica de entrevista: tradução do português para o alemão-padrão)
- d) Leituras em alemão-padrão e português da parábola “O Filho Pródigo”;

- e) *Corpus* de etnotextos;
- f) *Corpus* de material iconográfico.

Os mapas analisados neste estudo têm como base a parte linguística do questionário, mais especificamente a pergunta 43, Gramática I, parte C (CgramI_43), que equivale, conforme já mencionado, à frase 43 de Wenker: “*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*” (pt. “Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido.”). Em cada localidade de levantamento do projeto, a frase foi dita para os entrevistados, em alemão-padrão, e foi solicitado que esses a traduzissem para a variedade local do Hunsrückisch. As respostas dos informantes foram gravadas em áudio, posteriormente etiquetadas e recortadas em arquivos no formato .wav, para serem inseridas no banco de dados atual do projeto ALMA-H. Particularmente relevante para o objetivo deste TCC foi a técnica de entrevista, que será explicitada a seguir.

4.3.2 Técnica em três tempos

Harald Thun ([2005] 2017), em seu artigo sobre a variação na interação entre informante e entrevistador, descreve a “técnica de entrevista em três tempos”, que compreende, naturalmente, três etapas: perguntar, insistir e sugerir. A técnica em três tempos foi utilizada nas entrevistas realizadas nos projetos da trilogia rio-platense, de Thun, que inclui, além do ALMA-H, o ADDU (*Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*) e o ALGR (*Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*), e se mostra hoje de grande auxílio para a análise e interpretação dos dados obtidos.

O procedimento se dá da seguinte forma: após ser feita a pergunta (primeira etapa), o entrevistador recebe uma resposta espontânea do informante, da qual repete uma palavra ou mesmo uma frase inteira (etapa da insistência); em seguida, caso ainda não haja confirmação ou acréscimo espontâneo de nova variante, o entrevistador a sugere (etapa da sugestão³¹), com a intenção de avaliar se a forma é conhecida ou ocorre na comunidade. A partir da sugestão constata-se um conhecimento passivo do entrevistado, que pode afirmar, por exemplo, reconhecer a forma sugerida de ocorrências na infância ou de usos em situações muito específicas. Assim, ainda que haja uma perda relativa da variante, ela não é totalmente desconhecida.

³¹ “Sugestão”, do alemão *suggerieren*, é a tradução utilizada em estudos da Dialetoleologia Pluridimensional. Ainda que não dicionarizada, a palavra é a que melhor reflete a intenção do entrevistador na respectiva etapa da entrevista, que busca instigar uma possível lembrança ou discernimento passivo de uma nova variante por parte do informante.

A técnica proposta por Thun é relevante, também, na medida em que produz uma série de comentários metalinguísticos, além de informações auxiliares que contribuem para a caracterização da variante. Ela se mostra ainda mais efetiva quando consideramos a pluralidade de informantes em cada entrevista, como veremos na próxima subseção.

4.3.3 Pluralidade de informantes

As entrevistas realizadas em cada localidade abarcam as dimensões diageracional, com grupos da geração velha (GII) e da geração jovem (GI), e diastrática, com grupos de maior (Ca) e menor (Cb) escolaridade. Com isso, tem-se para cada localidade a possibilidade de quatro grupos de entrevista, representados no mapa pluridimensional (ver Mapa 1) por um esquema em cruz, conforme mostra o Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Grupos de informantes nas localidades de pesquisa do projeto ALMA-H

CaGII [homens e mulheres com + de 55 anos] [+ escolaridade: nível superior]	CaGI [homens e mulheres de 18 a 36 anos] [+ escolaridade: nível superior]
CbGII [homens e mulheres com + de 55 anos] [- escolaridade: nível básico]	CbGI [homens e mulheres de 18 a 36 anos] [- escolaridade: nível básico]

Fonte: Adaptado do site do projeto ALMA-H (2017)³²

Vemos que foram escolhidos informantes de 18 a 36 anos para compor a geração mais nova e informantes com idade superior a 55 anos para compor a geração mais velha, visto que trabalhar com gerações distantes uma da outra possibilitaria um maior contraste entre as falas dos dois grupos. A classe baixa foi escolhida a partir do critério da escolaridade, mas, ainda que não conste na tabela, as ocupações dos informantes também foram levadas em consideração, de forma que todos apresentavam educação somente até o ensino médio e tinham envolvimento apenas com o trabalho manual. Assim foi feito, para que houvesse a certeza de que esses informantes não exerciam profissões que exigissem, por exemplo, a escrita ou a leitura, a partir das quais teriam mais contato com a norma padrão, alterando os dados obtidos.

Radkte e Thun (1999) chamam a atenção para a representatividade dos dados, que é aumentada através da pluralidade de informantes. Assim, quando se entrevista uma informante mulher, de idade avançada, agricultora e de baixa escolaridade, coleta-se dados que refletem

³² Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/informantes/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

essa categoria, da mesma forma que ocorre em uma entrevista com um informante homem, jovem e de maior escolaridade. Além disso, no caso das entrevistas realizadas pelo ALMA-H, ocorre o que os autores denominam “pluralidade simultânea” ou “de uma via só”, que

[...] pressupõe a presença, durante toda a gravação, de vários informantes que, naturalmente, devem corresponder a parâmetros idênticos. Essa pluralidade simultânea parte do princípio de que os falantes se complementam e se corrigem entre si, de modo que o inquiridor pode registrar, além das divergências, também o consenso. Nesse procedimento, resguardam-se ao informante seus direitos lingüísticos e metalingüísticos. (RADKTE; THUN, 1999, p. 43).

Expostos os métodos de coleta dos dados que servem de base para este trabalho, bem como o princípio norteador de sua análise, partimos agora ao detalhamento das variáveis e dimensões selecionadas e dos métodos utilizados para sua cartografia e análise.

4.4 Variável e dimensões de análise selecionadas

Optamos por tomar o conceito de “dominância” linguística, apresentado por Weinreich (1952), como base para a nomeação da variável analisada neste estudo, o <grau de dominância do português>. Os critérios que podem indicar a dominância de uma língua na fala bilíngue são muito variados, podendo incluir o nível de proficiência, a ordem de aprendizado, as atitudes linguísticas do falante, bem como a utilidade de cada língua na comunicação, suas funções sociais e valores intelectuais.

Nosso objetivo, no entanto, é ter uma visão bastante inicial da dominância do português na fala espontânea e semiespontânea de hunsriqueanos, mapeando-a de forma a tentar captar, entre outras hipóteses, até que ponto o contato linguístico, passando pelo bilinguismo, afeta a vitalidade linguística do Hunsrückisch e abre espaço para a substituição linguística. Como afirma o próprio Weinreich, há uma dificuldade formidável em tentar medir a dominância de uma língua, assim, os critérios que escolhemos aqui são os que consideramos viáveis e objetivos com base no material e no tempo que tínhamos à disposição, estes nos pareceram suficientes para o que propomos analisar dentro das limitações deste estudo inaugural. Enfatizamos ainda que não procuramos identificar se o português é dominante na fala dos entrevistados – para isso precisaríamos de uma quantidade muito maior de dados e materiais de análise –, mas sim se ele apresenta uma dominância alta ou baixa, ou seja, se os indícios de sua presença e influência na fala dos entrevistados, no alemão local, são fortes ou fracos de acordo com os critérios que propomos, os quais veremos mais detalhadamente na seção 4.6 deste capítulo.

A variável <grau de dominância do português> será analisada com base em uma série de mapas, elaborados a partir da transcrição das entrevistas da pergunta CgramI_43 do questionário do projeto ALMA-H. Entendemos que, para obter dados com maior precisão, o ideal seria trabalhar com mais de uma pergunta e as transcrições de suas entrevistas, porém, isso ainda não é possível em um estudo piloto como este. Em pesquisas futuras, como em um projeto a ser desenvolvido no mestrado, espera-se aprofundar o tema com uma maior diversidade de ferramentas e materiais de análise. Ainda assim, quando consideramos que a pergunta abrange 38 pontos de pesquisa,³³ referentes a 128 entrevistas, cada uma com no mínimo dois informantes, parece-nos um total de dados bastante representativo para a análise proposta no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Quanto às dimensões selecionadas para este trabalho (ver Tabela 1), temos, além da diatópica e da diatópico-cinética, a diageracional – que, conforme Radkte e Thun (1999, p. 37), “[...] multiplica e condensa os cortes sincrônicos no momento final presente do eixo do tempo”, podendo expressar uma mudança em “tempo aparente” –, a diastrática e a diarreligiosa. Como as dimensões de análise de maior relevância imediata para nossos objetivos, elas nos permitem identificar tendências variacionais e ampliam nosso foco de análise.

4.5 Métodos para a cartografia dos dados

A elaboração dos mapas analisados neste trabalho teve início em 2021, a partir de uma colaboração entre a autora e duas colegas de pesquisa (Cláudia F. Pavan e Júlia K. Fussieger), sob a orientação do Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, coordenador do ALMA-H, ao lado do Prof. Dr. Harald Thun. Ao longo de meses, nos reunimos semanalmente nos chamados “Grupo de Trabalho: Transcrição” (GT Transcrição) e “Grupo de Trabalho: Cartografia” (GT Cartografia), constituídos no âmbito do projeto. Tais tarefas de análise e tratamento dos dados exigem um treinamento minucioso e acurado, para transcrever, transliterar,³⁴ enfim, cartografar os dados a partir dos áudios da pergunta CgramI_43, lincados a uma planilha, em arquivo Excel, do mapa-base (*Matrixkarte*).

³³ Infelizmente, para a pergunta CgramI_43, ainda não foram realizadas entrevistas em todas as 44 localidades da rede de pontos do ALMA-H. Neste estudo, ainda, optamos por desconsiderar a entrevista do grupo CaGI do ponto AR02 na contagem dos dados, tendo sido constatado que, nessa entrevista, os falantes entendiam e respondiam apenas em espanhol – o que não se encaixa em nosso tema de estudo, o contato Hunsrückisch-português.

³⁴ A transcrição fonética foi realizada com uso do Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet* – IPA), e transliteração, com uso das normas do ESCRITHU (sistema de escrita do Hunsrückisch) – cf. ALTENHOFEN; HABEL; PREDIGER, 2018.

Figura 4 – Recorte da Tabela de Dados do mapa-base da pergunta CgramI_43

ner	Symb.	VARIABLEN		CgramI_43: var.[foco] / var.[contraponto] (Prozess/Funktion)	CgramI_43: var.[foco] / var.[contraponto] (Prozess/Funktion)			
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Baía do Prata: Hunsrückisch	Q = ●	a_x: y	●	var+	● var+			
	R = ●	b_(x)yz	●	var/	● überwiegend var+			
	S = ○	c_x(y)z	○	var+ var. var-	○ var+ var. var-			
	T = ○	d_xy(z)	○	var\	○ überwiegend var-			
	U = ○	e_x_y_z	○	var-	○ var-			
ORTSPUNKT	Gruppe (Link Audio)	Pluri	Diastr. Ca/Cb	Diager. Gi/Gi	Topo-/ Fenotyp.	Interviewer Inf. (Genre + Religion)	<F> = Frage / pergunta • <I> = Insistenz / insistência	<S> = Suggestion / sugerência • <MK> = metasprachlicher Kommentar / comentário metalinguístico • <T> = Ethnotext / etnotexto
							<F1> • m1-f1- var • <I-xxx> • m2-f2- var <F2> • m1-f1- var • var-sug + - • <S-xxx> • m1-f1- var <S-xxx> • m1-f1- var • <MK-xxx> • -- --	
RS02 C+E [1826] - Ivoti & Dois Irmãos	CaGII			e-GN+KS m1C m2E f1E f2E	von uns [se:lab]d] geback <F2> • f1- es wedd net immer alles g[e]ss • f2- es wedd om Enn (:) noch net alles g[e]ss • f1- ia... ia, om Enn schliesslich om Enn net alles g[e]ss • <Tx_e>			
	CaGI			e-F+RW m1C f1C f2E	<F1> • m1- hier [gɛ:ɔ] das Brot noch von uns [se:lab]d] gebackt • <I- sooh't der all gibt... net...> • f1- [gɛ:ɔ] • m1- [gɛ:ɔ] <F2> • <I- no fim das contas> • f1- ah, an Enn! • m1- om Enn g[e]t] net alles g[e]ss	<S- wedd> • m1- wedd das Brot... ooch! (:) kann' ma ooch soohn. • f1- ia, wedd das Brot. • <S- Unnerschid, wenn ma wedd sooh't?> • f2- Nee, selwiche Dings. • <I- selwiche?> • f1- dohier wedd das Brot ode dohier gebt das Brot... Gib selwich • m- We' d é mais futuro, weil es tem uma ideia mais de futuro... --		
	CbGII			e-CA+IS m1E m2C f1E f2C	<F1> • f1- (hier...) dohie wedd uns Brot noch [se:lab] geback • m1- unser Brot • f1- unser Brot ia (:) • <I- wedd> • f1- wedd n[o]ch [se:lab] geback ((betont)) • <I- anstatt wedd> • f2- tu'ma [se:lab]d] backe • <I> • f2- tun's Brot [se:lab]d] backe • m2- È! das Brot tun'ma [se:lab]d] backe • f2- ia. <F2> • m1- es wedd (:) wascheinlich net all g[e]ss • <I> • f1- all gess, ia	<S- gibt geback> • m1- Soohn ooch Leit, é (:) Gibt gebackt, awer kann soohn annerschte. • f1- [se:lab]d] backe • m2- [se:lab]d] backe <S- gibt> • m2- Nong, wedd... gibt, wedd... m1- gibt ore gebt ((lacht)) f1- ja		
	CbGI			e-CA+RW m1C f1C	<F1> • m1- hie is'es Brot n[o]ch von uns [se:lab]d] geback. • f1- Hm [schvɪç] • f2- (mia...) hie backe mia Brot [se:lab]d] • <I- Aquí o pão é feito ainda por nós mesmos> • m1- ia, hier is der Brot noch fa... iwich uns gemach geb so... unnich uns! • <I> • f1- gemach geb, io • f2- 's Brot noch von uns gemach • m1- von uns net, von hie ((lachen)) <F2> ((wiederholt)) • m1- es wedd goo net alles... om Enn goo net alles g[e]ss (:)	<S- wedd ore gibt> • f1- gibt ((betont)) • m1- es wedd geback (:) é, wedd geb <I- selbst> • f1- [se:lab]d] gebackt, ia • f2- [schvɪç] gebackt • m2- [se:lab]d] geback, ia <S- om Enn wedd's goo net all...> • f2- allet • <S- gess, bleibt iwrich> • f3- dann bleibt immer en Stick iwrich am Ende... • m1- ah! om Enn...		

Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_MATRIX (2022)

Como vemos na Figura 4, a tabela apresenta, da esquerda para a direita, a seguinte estrutura: ponto de inquérito (com a confissão religiosa dos entrevistados, o ano de chegada dos imigrantes e o local da entrevista – ex.: RS02 | C+E [1826] - Ivoti & Dois Irmãos); link do áudio; símbolos (pluridimensional, diastrático, diageracional e topotípico ou fenotípico); entrevistadores e informações sobre os entrevistados (gênero, ordem de fala e confissão religiosa – p. ex.: “m2C” seria “segundo homem a falar e católico”); transcrições (perguntas³⁵ e respostas, insistências do entrevistador, síntese, sugerências e comentários metalinguísticos – esta última coluna não aparece na figura e não foi preenchida na transcrição em questão). A parte superior da tabela é reservada à legenda, na qual se atribui a cada variante um símbolo para representá-la no mapa, esses símbolos indicam uma gradação, que é adaptada conforme a variável analisada.

O objetivo principal da pergunta CgramI_43 foi analisar o uso da voz passiva,³⁶ mas a frase inteira, assim como os comentários metalinguísticos, permitem inúmeras outras análises, sendo que diversos mapas já se originaram de sua *Matrixkarte*. Os mapas trabalhados aqui são alguns deles, porém, para a sua elaboração, foi necessário utilizar um método um pouco diferente do usual. Como nosso objetivo era analisar a dominância do português em cada entrevista, não foi possível medir esse grau de dominância a partir de variantes específicas,

³⁵ No caso do mapa trabalhado aqui, a pergunta (<F>) equivale à frase de Wenker anteriormente explicitada (ver subseção 4.3.1). Como vemos nas transcrições legíveis na Figura 4, <F1> faz referência à primeira parte (“Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken.”) e <F2>, à segunda (“Es wird schließlich gar nicht alles gegessen.”).

³⁶ Sobre o uso da voz passiva através das variantes “wird” e “gibt”, minha colega de pesquisa já realizou e publicou um estudo – ver Fussieger (2021).

como seria o caso se buscássemos avaliar uma variável fonética ou lexical. Portanto, elaboramos uma forma de medição baseada no método descrito por Herrgen e Schmidt (1989) e utilizado na confecção do *Mittelrheinischer Sprachatlas* (MRhSA),³⁷ ela é descrita a seguir.

4.6 Métodos para a análise dos dados

Herrgen e Schmidt (1989) propõem um método de mensuração da dialetalidade de uma variante (al. *Dialektätsmessung*) baseado no somatório de pontos atribuídos às variantes, que resulta no *Dialektalitätswert* (D-Wert) (pt. “valor dialetal”) do trecho analisado do *corpus* de pesquisa. No exemplo dado pelos autores, cada característica fonética é contada com um *Dialektalitätspunkt* (pt. “ponto de dialetalidade”), assim, uma variante que desvie do padrão por apenas uma característica fonética (por exemplo, a desonorização de “s”), recebe 1 ponto; uma variante que desvie do padrão por duas características fonéticas (p. ex. centralização e diferença na duração de uma vogal), recebe 2 pontos. No caso das vogais, ainda, era possível atribuir mais meio-ponto, conforme a diferença no grau de abertura e a posição da língua.

O sistema de pontuação elaborado para a análise dos mapas trabalhados, como já mencionado, baseia-se nesse apresentado por Herrgen e Schmidt, tendo sido adaptado e de certa forma simplificado para que se adequasse aos nossos propósitos. Logo, para compor nosso sistema de medição do grau de dominância do português delimitamos quatro critérios, utilizados para avaliar cada uma das entrevistas a partir de um esquema de pontos. É importante ressaltar, novamente, que não se trata de uma análise exaustiva de interferências a nível fonético-fonológico, morfossintático ou semântico – visto o tempo e o número de página de que dispúnhamos –, mas de elementos bastante explícitos na fala dos informantes e que identificamos como indícios de uma influência do português. Os critérios escolhidos e suas pontuações são os seguintes:

- a) Repetição da pergunta pelo entrevistador (<F/rep>; 0,5 ponto): por vezes, como constatamos ao ouvir e transcrever as gravações das entrevistas, é necessário que o entrevistador repita a pergunta (<F>), pois os informantes não a entendem de imediato. Consideramos que isso pode indicar uma perda de competência por parte dos falantes, que têm dificuldade em compreender o alemão; portanto, incluímos o fenômeno como um de nossos critérios para medir o grau de dominância do português nas entrevistas. Ainda assim, a repetição da pergunta pode ter sido necessária também por fatores

³⁷ Para saber mais sobre o *Atlas Linguístico da Renânia Central*, cf. BELLMAN, 1994; BELLMAN; HERRGEN; SCHMIDT, [1994-2002].

externos – um cachorro latindo, um carro passando etc. –, por conta disso, atribuímos a ela a pontuação mínima de 0,5.

- b) Tradução da pergunta para o português pelo entrevistador (<F/pt>; de 0,5 a 1,0 ponto): algo que também notamos nas transcrições foi a necessidade de tradução da pergunta para o português, para que os entrevistados a compreendessem. Quando voltamos ao questionário do ALMA-H (ver subseção 4.3.1), notamos que o entrevistador e os informantes já passaram por muitas etapas até chegar à pergunta que trabalhamos – mesmo considerando apenas as frases de Wenker (Gramática I), as entrevistas já se encontram na pergunta de número 43. Nesse ponto do questionário, o próprio entrevistador já desenvolveu uma facilidade em identificar a dificuldade dos informantes, sua leitura ao perceber a necessidade ou não de repetição já nos indica uma perda de competência por parte dos entrevistados ou uma competência elevada. Isso vale tanto para o critério F/pt como para o F/rep, sendo o primeiro uma intensificação do segundo, por isso uma possibilidade de pontuação maior. Quando o entrevistador se limita a traduzir pequenos trechos de cada uma das partes da pergunta, somamos 0,5 pontos; quando traduz uma metade completa ou a pergunta inteira, somamos 1,0 ponto.
- c) Hesitações e pausas nas respostas dos informantes (<HP>; 0,5 ponto): ainda que hesitações e pausas³⁸ possam não representar diretamente um sinal de presença forte de português nas entrevistas, certamente indicam uma perda de competência no alemão. Quando o entrevistado hesita para pensar por um tempo considerável, podemos deduzir que houve, ao menos inicialmente, um esquecimento, um esforço para lembrar algo no alemão que talvez seja de mais fácil acesso no português. Porém, como se trata de um critério relativo, atribuímos a ele também a pontuação mínima de 0,5.
- d) Ocorrência de *code-switching* na fala dos informantes (<CS>; de 0,5 a 2,0 pontos): reconhecemos que o *code-switching* pode ser considerado uma atitude natural de qualquer bilíngue, tão proficiente em alemão quanto em português. Ainda assim, é inegável que a ocorrência de *code-switching* aponta, ainda que não necessariamente uma perda de competência do alemão, ao menos uma presença forte do português, especialmente quando levamos em conta que os informantes falam português no meio de frases em alemão, no contexto de um diálogo que se propõe a ser em alemão. Por

³⁸ Nas transcrições das entrevistas, utilizamos sinais específicos para indicar hesitações e pausas, mesmo repetições e tons de incerteza. Veja-se o seguinte caso, retirado da entrevista do grupo CaGII do ponto RS01: “f1- Hier werd [d]as Brot noch... noch (::) uns [sɛʔbsɔ] gebacken. ((zögernd))”. Temos várias marcas de hesitação no trecho citado, desde a sinalização “(::)”, até os três pontos e a indicação bastante explícita de “((zögernd))” [pt. “hesitante”].

isso, decidimos levar o critério em conta para a medição do grau de dominância do português, atribuindo a ele a maior possibilidade de variação de pontos, que vai de 0,5 – quando registramos a ocorrência apenas de falas isoladas e breves como “também é” ou “isso mesmo” – aumentando gradualmente conforme a presença do português nas falas, destacada sempre em azul. Uma entrevista recebe 1,0 ponto pelo critério <CS> quando o *code-switching*, ainda que ocorra isoladamente, “ocupa” pelo menos metade das frases e apareça mais de duas vezes com relevância no diálogo; ela recebe 2,0 pontos quando o *code-switching* ocorre em frases completas e de forma recorrente, tendo também lugar de destaque metalinguístico e pragmático para o diálogo.

Com base nos critérios apresentados acima, concluímos que, para nosso estudo, o que atua como fundamento de análise é: se há perda aparente de competência em alemão³⁹ [– competência de Dt] ou/e uma presença mais forte do português na fala, através do *code-switching*, necessariamente há um maior grau de dominância do português [+ dominância de Pt], havendo, consequentemente, mais indícios de perda de vitalidade linguística do Hunsrückisch [– vitalidade de Dt]. Uma perda de vitalidade linguística e um maior grau de dominância do português podem ser indícios de um processo gradual de substituição linguística. Na Figura 5, vemos a Tabela de Dados da variável <grau de dominância do português> após a elaboração da legenda e a atribuição dos símbolos à cada entrevista e mapa.

Figura 5 – Recorte Tabela de Dados da variável <grau de dominância do português>

ALMA # H	Symb.	VARIABLEN	Cgraml_43: Grau de dominância do português		Cgraml_43: Grau de dominância do português				
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch	Q = ● R = ● S = ● T = ● U = ○	a_x, y b_[]yz c_xlyz d_xlyz e_x,y,z	● ● ● ● ○	Pt = 4,0 Pt > 2,5 Pt entre 1,5 e 2,5 Pt < 1,5 Pt = 0,0	● ● ● ● ○	Pt = 4,0 Pt > 2,5 Pt entre 1,5 e 2,5 Pt < 1,5 Pt = 0,0			
ORTSPUNKT	Gruppe (Link Audio)	Pluri-	Diast. Ca/Cb	Diager. GII/GI	Topo-/ Fenotyp.	Interviewer Inf. (Genre + Religion)	<F> = Frage / pergunta <I> = Insistenz / insistência	<S> = síntese+ + - *	<S> = Suggestierung / sugerência <MK> = metasprachlicher Kommentar / comentário metalinguístico <Tx> = Ethnotext / etnotexto
							<F1> • m1-f1- var <I-xxx> • m2-f2- var <F2> • m1-f1- var •	var-sug + - *	<S-xxx> • m1-f1- var <S-xxx> • m1-f1- var • <MK-xxx> •
R505 C#E [S847]- Igrejinha	CaGII	●	●	●	●	e-CA+GN m1E m2E f1C f2E	<F1> • m1- hier wedd das Brot n[oi]ch von uns [se]t[bj] gebackt • f1/f2- Isso • <I-wedd?> • m1/m2/f2- wedd <F2> • m1- Es wedd wahrscheinlich goo net alles g[e]ss • f1- Isso • f2- ou am Enn, am Enn. Schließlich é mais no final • (.../...) wahrscheinlich • f1- Am Enn wedd... denke, net alles g[e]ss • m2- Aaaaah! (!) Schließlich é o final. • m2- É. • f1- Sim. • m2- Então não é wahrscheinlich. • f1- am Enn! schließlich não • (...) • m3- wahrscheinlich não é sinônimo de schließlich, nesse caso. • f1- Não, am Enn, am Enn é 'finalmente' • (...) • m2- wahrscheinlich é 'eventualmente' • f1- como? • m1- wahrscheinlich, 'possivelmente' ((wiederholen gleichzeitig)) • f2- ah, eu lembro assim o wahrscheinlich: "wahrscheinlich passeert's mo" • m2- é • ((sprechen gleichzeitig))	HP - CS	<S- gibt> • f1- não, gibt nit. Isso é lá o pessoal (de) Dois Irmãos fala assim. ((m1- lacht)) • <I- Dois Irmãos> • m1/f1- gibt... • f1- O pessoal de Chapada fala assim... --
	CaSl	●	●	●	●	e-CA+GN m1E m2C f1E f2E	<F1> • f1- hier... do wedd das Brot noch von uns [se]t[bj] gebackt ((mit Überlappung von Stimmen)) • f2- do wedd das Brot noch von uns [se]t[bj] gebackt <F2> • f1- ai, ai, ai • m1- jetzt sinnlich leen • <I- am Ende, no fim> • m-ext-finalmente • (...) • <I- no fim, nem vai ser comido tudo> • f1- Om letzt[!]te Enn wedd goo net alles... /m1- alles g[e]ss • m2- Om letzt[!]te Enn geht das net alles vergess, ore... Nong, vergess net, wedd net alles gess geb.	F/pt - CS	-- <S- schon enne gehert soohn, "es gibt gess"?> • f1- gibt... ((zögernd))
	CaGII	●	●	●	●	e-CA+GN m1E f1E m2E f2E	<F1> • f1- hier... do... ba'uns backe ma noch [se]t[bj] das Brot • m1- do wedd das Brot [se]t[bj] gebackt • f2- do w[e]dd's Brot [se]t[bj] gebackt • m2- Brot [se]t[bj] geback • f2- do wedd's Brot noch [se]t[bj] geback <F2> • f1- Es wedd gemeinhand goo net alles g[e]ss • f2- ja, wahrscheinlich wedd's goo net alles g[e]ss • m2- Es wedd nie alles g[e]ss	CS	-- <S- ihr seht immer wedd, unn es gibt gess?> • m1- Haß! Das is von Santa Catarina, é. • /f1- ninguém usa • m1- ia, die Buwe von Santa Catarina. ((m-ext- lacht)) • m-ext- São Miguel do Oeste
	CaSl	●	●	●	●	e-CA+GN m1E f1C m2E f2E	<F1> • f1/m1- wer will (?) das Brot... von uns [se]t[bj] geback • m2- geback • f1- geback • <I- wiederholt F1> • f2- aqui ((leise)) • m1- dohie • f1- hie • m2- dohie • <I- wiederholt> • f2- Dohie wedd das Brot noch von... von mea gebackt • m2/f1/f2- [se]t[bj] geback ... [se]t[bj] geback ... [se]t[bj] geback ((Aufnahme mit ...))	F/rep - F/pt - HP - CS	-- --

Fonte: Mapa [ALMA-H] Cgraml_43_dominância de pt (2022)

³⁹ Entenda-se “alemão” aqui como as variedades do Hunsrückisch contempladas pelo banco de dados do ALMA-H e faladas pelos informantes em cada ponto de inquérito.

Pode-se questionar o motivo de não termos considerado a presença de empréstimos nas falas dos informantes como um critério de pontuação. Sobre isso, elucidamos que, embora mensurável, a quantidade de empréstimos não é comparável, e buscamos critérios que pudessem ser mais estáveis, recorrentes em todas as entrevistas. Teríamos, por exemplo, de distinguir entre empréstimos individuais e integrados, o que automaticamente torna o critério desigual entre as entrevistas; além disso, existem palavras em português que não possuem correlato no Hunsrückisch e ocorrem nas falas dos entrevistados, diferenciá-las de empréstimos seria um trabalho detalhado demais para o que propomos. Assim, não sentimos segurança em considerar a presença de empréstimos um critério de nossa análise, porém, mapas subsidiários com foco em variáveis lexicais, com uma variante [+ Pt] e uma [+ Dt], por exemplo, possibilitariam isso, e o banco de dados do ALMA-H já conta com um número deles. No TCC, infelizmente, isso não será possível, uma pesquisa futura certamente fará uso de outros mapas e ferramentas de pesquisa para poder levar mais esse critério em conta.

Tendo concluído, enfim, a fundamentação metodológica deste estudo, partimos para a análise e interpretação dos dados, apresentando os mapas das quatro dimensões selecionadas e, de forma mais detalhada, seus respectivos gráficos de frequência. Assim, continuemos.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, será realizada a análise e interpretação dos resultados referentes aos mapas para a variável <grau de dominância do português>, obtidos através da transcrição e do mapeamento das entrevistas realizadas pelo ALMA-H, mais especificamente da pergunta CgramI_43 do questionário do projeto, conforme exposto anteriormente. Os gráficos e dados apresentados foram criados automaticamente pela ferramenta Excel. Foram analisadas, como explicitado na seção 4.4, as dimensões diastrática (escolaridade), diageracional (idade), diarreligiosa (religião) e diatópica (microáreas) – elas aparecerão nessa ordem ao longo do capítulo, com seus respectivos mapas e gráficos. Vale ressaltar que esses mapas, assim como os gráficos de frequência, são gerados automaticamente pelo sistema de cartografia do ALMA, a partir da planilha da Tabela de Dados.

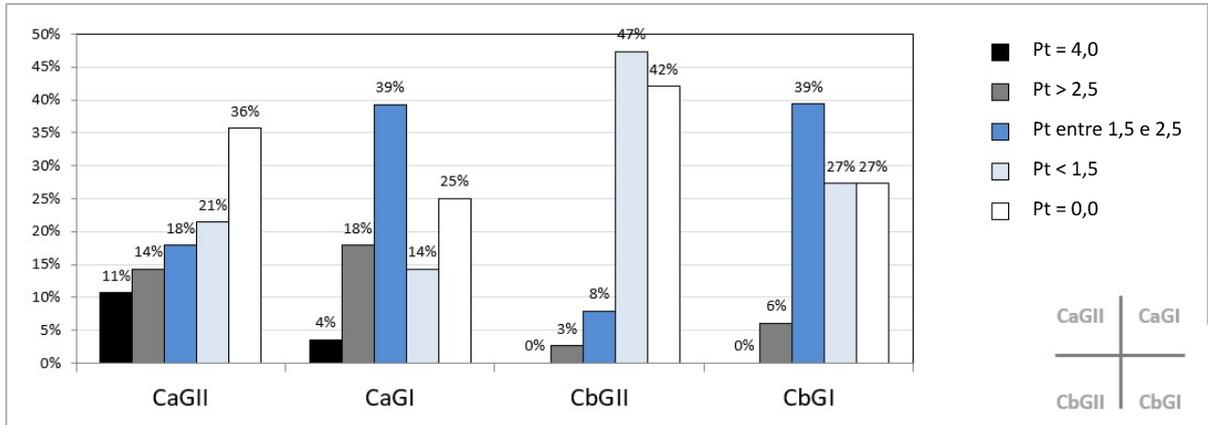
Deve-se lembrar, antes de seguirmos adiante, que a variável em estudo é do âmbito linguístico-sociológico e foi analisada conforme os critérios abordados no capítulo anterior (<F/rep>, <F/pt>, <HP> e <CS>). Os dados apresentados foram obtidos a partir da observação desses quatro critérios, de forma que o somatório de pontos de cada entrevista resultou no respectivo grau de dominância do português. Este varia em uma gradação entre 0,0 e 4,0 pontos, a partir da qual se definem os símbolos que compõem a legenda dos mapas apresentados neste capítulo, da seguinte forma: o símbolo completo (●) indica que a entrevista somou 4 pontos de dominância do português, o grau mais elevado de dominância; o símbolo de $\frac{1}{4}$ (◐), que a entrevista somou mais de 2,5 pontos; o símbolo meio-a-meio (◑), que a entrevista somou entre 1,5 e 2,5 pontos; o símbolo de $\frac{3}{4}$, que a entrevista somou menos de 1,5 pontos; por fim, o símbolo vazio (○) indica que a entrevista não apresentou nenhum dos critérios, portanto, obteve 0,0 pontos de dominância do português, o menor grau de dominância possível.

5.1 Visão geral

Para uma visão geral dos dados obtidos, julga-se apropriada uma apreciação do mapa pluridimensional, que sintetiza algumas das dimensões analisadas. A Figura 7 mostra o gráfico de frequência do mapa, à sua direita vemos a legenda, que pode ser lida da seguinte forma: a coluna de cor preta é referente à frequência do grau de dominância do português (Pt) igual a 4,0 – o maior grau possível com base em nossos critérios –; a coluna de cor cinza é referente à frequência do grau de dominância maior que 2,5; a coluna de cor azul-escura, referente à frequência do grau de dominância entre 1,5 e 2,5; a coluna de cor azul-clara, referente à

frequência do grau de dominância menor do que 1,5; a coluna de cor branca, referente à frequência do grau de dominância igual a 0,0.

Figura 6 – Gráfico de frequência do mapa pluridimensional



Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

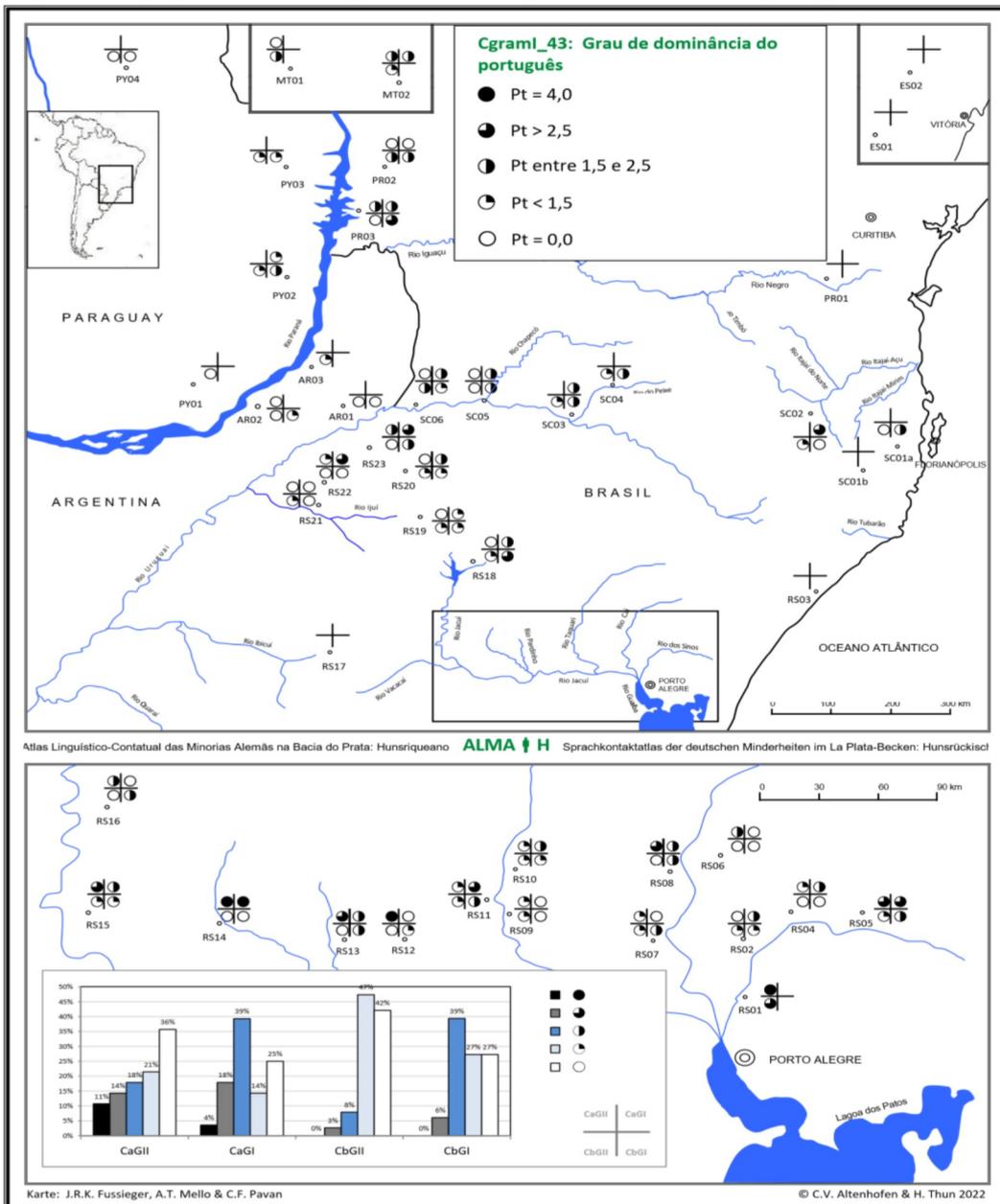
Dois comportamentos chamam a atenção em uma primeira observação do gráfico de frequência acima, um de ordem diageracional e um de ordem diastrática. Em relação ao primeiro, é visível uma forte ocorrência de graus intermediários de dominância do português nos grupos GI (39% em CaGI e CbGI, colunas azul-escuras), enquanto graus mais baixos de dominância se sobressaem nos grupos GII (21% e 36% em CaGII e 47% e 42% em CbGII, colunas azul-clara e brancas). Essas frequências indicam uma maior oscilação na fala dos jovens entre o português e o alemão, ainda que ela apareça de certa forma equilibrada; já a geração mais velha aparenta ter uma estabilidade maior do alemão.

Quanto às tendências de ordem diastrática, é possível perceber índices mais elevados do grau de dominância do português (acima de 2,5) no grupo Ca (11% e 14% em CaGII e 4% e 18% em CaGI, colunas pretas e cinzas), em contraposição ao grupo Cb, no qual encontramos frequências quase nulas. Assim, como era de se esperar, CbGII é o grupo com o menor grau de dominância do português, tanto por parâmetros diastráticos como diageracionais.

Partindo para uma análise do mapa (Mapa 2), vale destacar algumas interpretações em relação à variação diatópica. De início, podemos ver que a microárea *Deutsch* apresenta uma concentração de graus elevados de dominância do português, o que se deve, provavelmente, a uma chegada mais tardia de imigrantes à região (a partir de 1850), em uma época e em um território em que a língua portuguesa já se encontrava supostamente mais disseminada. Em contraposição, chama a atenção, na área *Deutsch*, a vitalidade do alemão, cujas condições na época da chegada dos primeiros imigrantes propiciaram um maior insulamento das comunidades, além das marcas [+ dialetais] no Hunsrückisch falado na região, que podem ter

favorecido uma atitude mais conservadora em relação à língua. RS01 e RS05, no entanto, surgem como exceção na área *Deutsch*, com uma concentração de índices elevados de dominância do português; isso ocorre, possivelmente, pelo fato de se tratar de regiões bastante urbanizadas. Nas colônias novas (a partir de RS17) também vemos uma quantidade maior de graus elevados de dominância do português, ainda que mais distribuída que na área *Deutsch* – analisando as cruces, percebemos que ela se concentra nos grupos GI. Em AR02, AR03, PY01, PY02, PY03 e PY04, verifica-se graus reduzidos de dominância do português, muito provavelmente por se tratar de localidades com comunidades hispanófonas. A análise dos demais mapas pode lançar mais luz sobre as questões observadas nesta incursão inicial.

Mapa 2 – Mapa pluridimensional para a variável <grau de dominância do português>



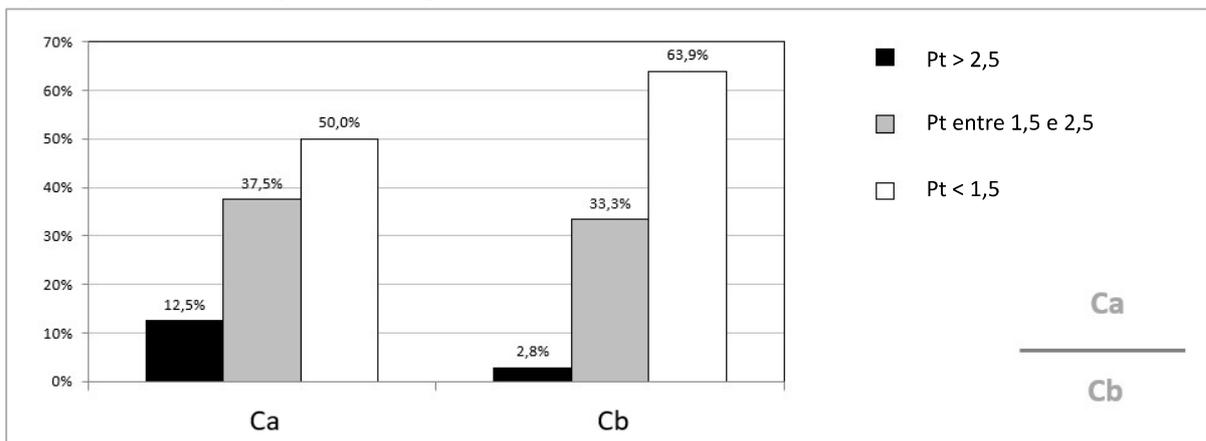
Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

5.2 Análise conforme as dimensões selecionadas

5.2.1 Dimensão diastrática

Abaixo, vemos o gráfico de frequência da dimensão diastrática (Figura 9). A partir de sua análise, percebe-se que a escolaridade, ainda que não de forma tão significativa quanto o esperado, favorece o grau de dominância do português, confirmando o que havíamos considerado na seção 5.1. Quando observamos as colunas de cor preta, referentes à frequência do grau maior que 2,5, notamos que o índice reduz de 12,5% em Ca para 2,8% em Cb; já na coluna de cor branca, referente à frequência do grau menor que 1,5, percebemos um aumento que vai de 50% em Ca para 63,9% em Cb.

Figura 7 – Gráfico de frequência do mapa diastrático



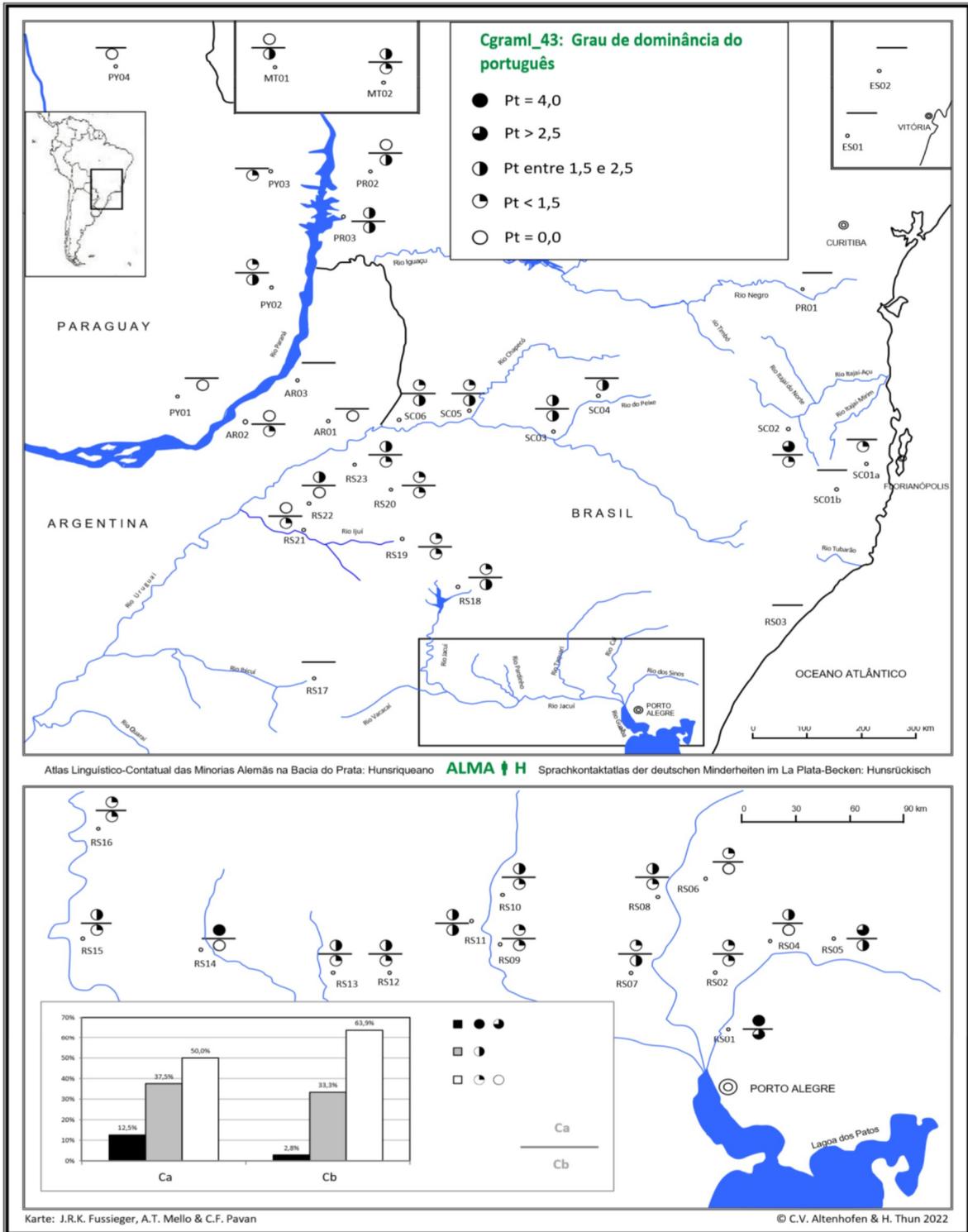
Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a Ca apresenta um grau elevado de dominância do português, a Cb nos mostra uma forte vitalidade do alemão. Em relação ao primeiro grupo, Ca, isso pode ocorrer em vista do maior contato dos falantes com a língua portuguesa na escola e do meio social em que se encontram, que possibilita mais intercâmbio entre idiomas e inserção na vida urbana; quanto ao segundo grupo, Cb, uma menor escolaridade está relacionada à manutenção da variedade local a partir da vivência mais constante no meio familiar. As colunas de cor cinza, referentes à frequência do grau intermediário de dominância, apresentam valores muito similares, o que evidencia a maior relevância da variação entre os graus mais elevados e mais reduzidos de dominância.

Analisando a distribuição dos símbolos no mapa (Mapa 3), notamos que uma comparação entre as regiões não parece indicar tendências de caráter diatópico para a dimensão.

Diastaticamente, o que pesa para a variável parece ser, unicamente, o nível de escolaridade dos falantes, independente da microárea do Hunsrückisch em que se encontram.

Mapa 3 – Mapa diastrático para a variável <grau de dominância do português>

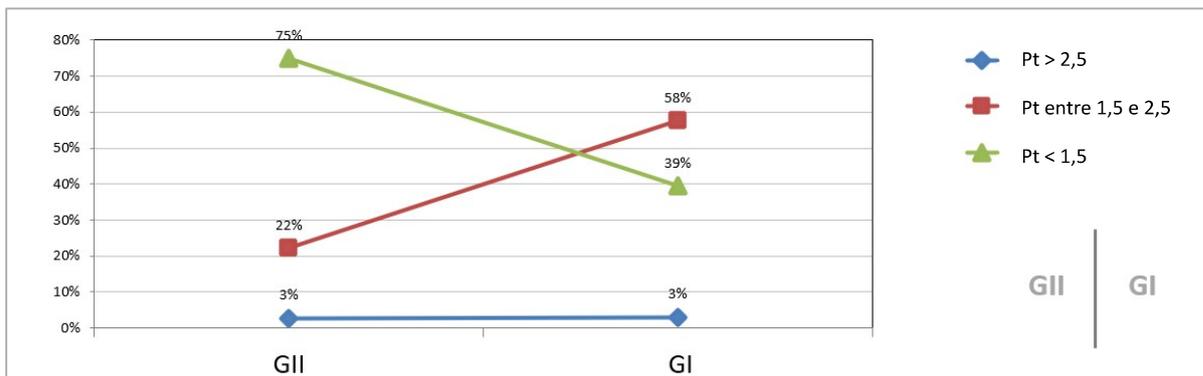


Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

5.2.2 Dimensão diageracional

A seguir, à direita do gráfico de frequência da dimensão diageracional (Figura 10), vemos que se utilizou como legenda: a linha azul, com a figura de um losango, representa o grau de dominância do português, maior que 2,5; a linha vermelha, com a figura de um quadrado, representa o grau de dominância entre 1,5 e 2,5; a linha verde, com a figura de um triângulo, aponta para uma redução do grau de dominância para o valor 1,5.

Figura 8 – Gráfico de frequência do mapa diageracional



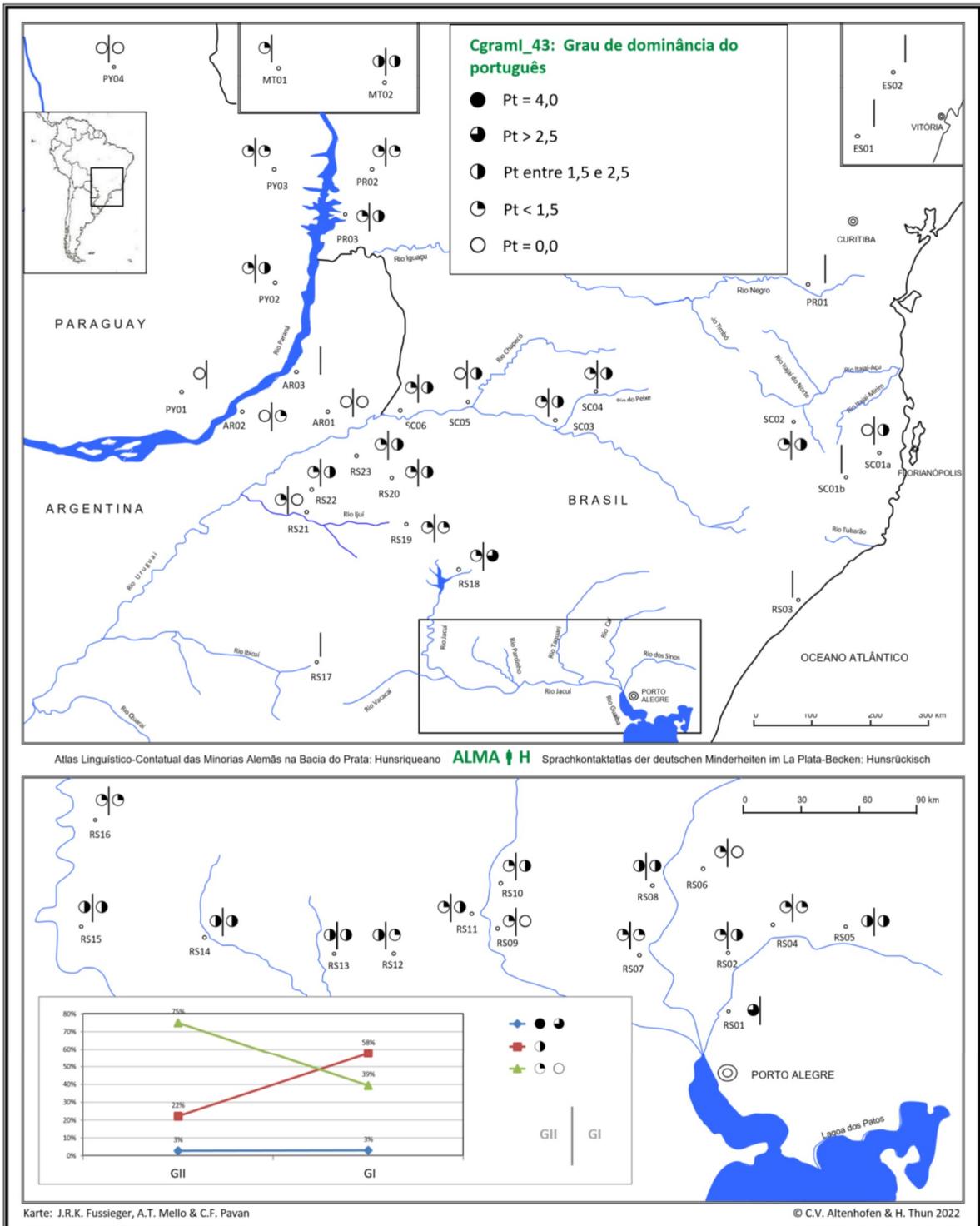
Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

Detendo-nos na análise da variação diageracional, confirmamos novamente o observado no gráfico de frequência pluridimensional (ver seção 5.1), desta vez de forma mais evidente. Como vimos no segundo capítulo, o português foi ampliando seu domínio nas comunidades de imigrantes ao longo dos anos, de forma que o grupo etário mais jovem foi exposto desde a infância ao uso do português, diferente do que ocorreu com boa parte dos falantes da geração mais velha. Na geração velha, com uma relativa frequência, há informantes que afirmam ter ingressado na escola sem saber português, falando em casa, com a família, apenas alemão, ou seja, Hunsrückisch. Além disso, o grupo GI tem hoje um maior acesso ao português impulsionado pela urbanização e pela mídia, pelo mundo digital, diferente da GII, quando era jovem. Ou seja, quando a GII estava na idade jovem, o português não tinha nas comunidades a mesma presença que possui hoje.

Vemos essa dinâmica histórica e social representada no gráfico da Figura 10: há um evidente aumento do grau de dominância do português da GII para a GI. O grau de dominância intermediário, de 1,5 a 2,5, mais que duplica de uma geração para a outra, ou seja, percebe-se uma nítida mudança em curso na direção de uma maior dominância do português. Deduz-se disso que há um lento processo de substituição linguística em andamento. Quando partimos para uma análise diatópica do Mapa 4, esse processo aparece mais saliente em pontos das

colônias novas, sobretudo no oeste de SC e nos pontos mais distantes do RS. Influências mais relevantes no plano diatópico, além das já mencionas, não aparecem.

Mapa 4 – Mapa diageracional para a variável <grau de dominância do português>

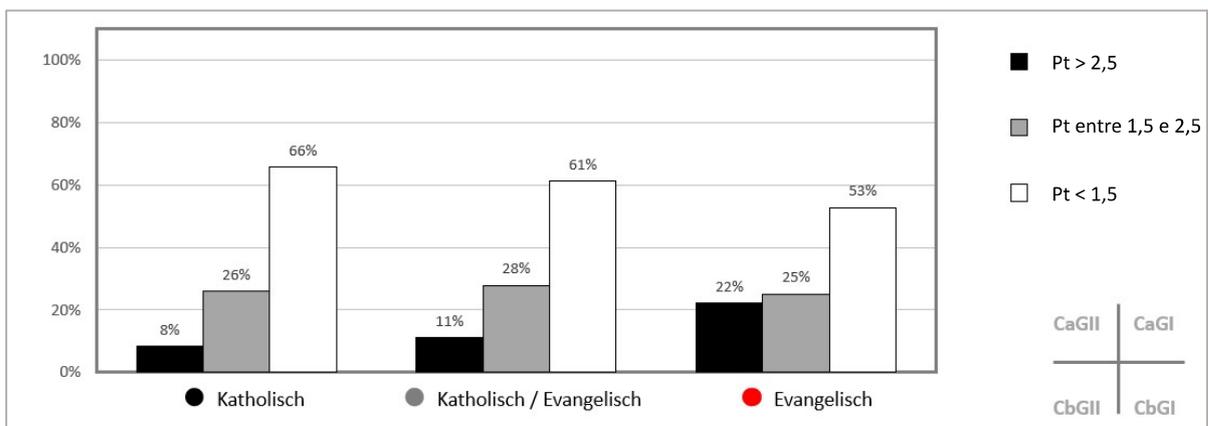


Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

5.2.3 Dimensão diarreligiosa

No gráfico de frequência da dimensão diarreligiosa (Figura 11), vemos, na parte inferior, que ele se caracteriza pela representação da confissão religiosa dos falantes através de cores, além das colunas pretas, cinzas e brancas representando o grau de dominância do português, tal qual o gráfico de frequência da dimensão diastrática (ver subseção 5.2.1). As cores diferenciam no mapa a confissão religiosa predominante em cada grupo: o símbolo preto identifica grupos de confissão católica; o símbolo cinza, grupos de confissão mista; o símbolo vermelho, grupos de confissão protestante, evangélico-luterana.

Figura 9 – Gráfico de frequência do mapa diarreligioso



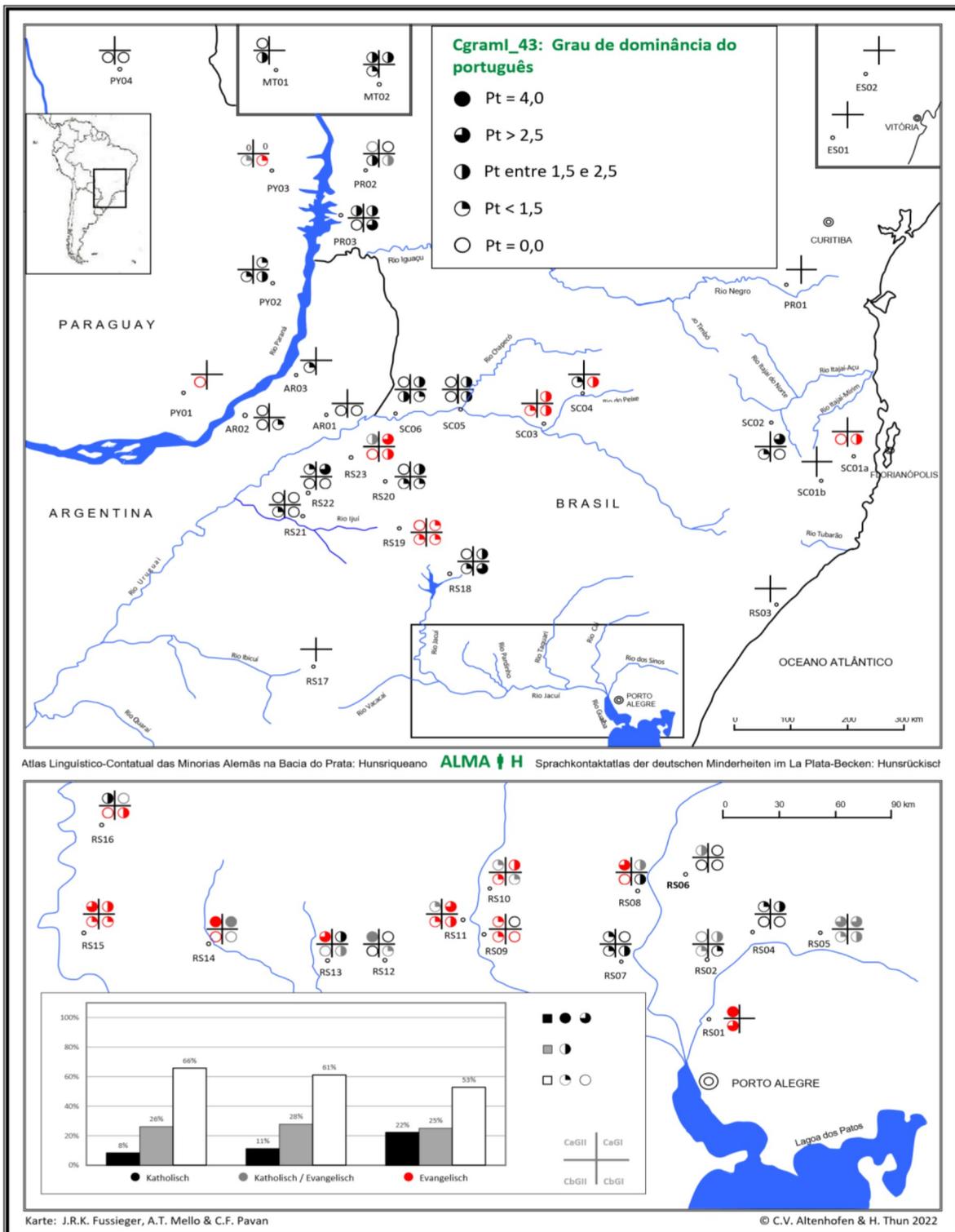
Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

Ao observarmos o gráfico de frequência acima, notamos que a hipótese de que os grupos evangélicos apresentam uma maior vitalidade do alemão e de que, por extensão, os católicos apresentam um grau mais elevado de dominância do português é em essência refutada. Com a análise quantitativa-interpretativa das tendências, fica evidente a dominância maior do português entre os evangélicos, que apresentam mais do que o dobro da frequência dos católicos para o grau mais alto de dominância (22%, coluna preta); ao mesmo tempo, os católicos mostram a maior frequência, entre os três grupos, do grau de dominância menor que 1,5 (66%, coluna branca), indicando uma maior vitalidade do Hunsrückisch.

Analisando o mapa da dimensão diarreligiosa (Mapa 5), o que parece servir de justificativa para os dados obtidos no gráfico parece estar vinculado muito mais à influência diageracional e, diferente das outras dimensões analisadas até então, também diatópica. Notamos que o maior contingente de falantes evangélicos (entrevistas marcadas em vermelho) concentra-se na área *Deutsch*, a qual, como já observamos anteriormente, apresenta uma concentração de graus elevados de dominância do português; nas colônias novas, ainda que os

grupos evangélicos não se destaquem tanto como na área *Deutsch*, sua ocorrência coincide com os grupos GI, que, como vimos na análise da dimensão diageracional, também apresentam os graus mais elevados de dominância do português. Os evangélicos, portanto, apresentam um índice maior de dominância a partir do cruzamento com fatores diageracionais e diatópicos.

Mapa 5 – Mapa diarreligioso para a variável <grau de dominância do português>



Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43_dominância de pt (2022)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todos os aspectos, conceitos e dados analisados ao longo deste estudo, tenciona-se agora uma reflexão final a partir das hipóteses testadas, articulando com elas as observações e análises feitas ao longo do trabalho. Primeiramente, vejamos os principais resultados obtidos:

- 1) Em relação à dimensão diatópica, percebe-se uma correlação entre a origem regional de cada falante e o grau de dominância do português em sua fala, portanto, a hipótese inicial se confirma. Nota-se, no mapa, que a microárea do Hunsrückisch do tipo *Deutsch* e as localidades nas colônias novas apresentam maiores graus de dominância do português. Considerando a topodinâmica da migrações, esses imigrantes encontraram nessa região uma maior facilidade de contato com o português e de integração da língua no seu dia a dia, tanto por questões geográficas como sociais – um ambiente que facilitava a troca entre as comunidades de imigrantes e as de falantes monolíngues do português; uma região e época em que o português já encontrava mais fácil acesso a comunidades de imigrantes, pela educação, urbanização crescente e pelo maior intercâmbio de informações. Somam-se a isso graus elevados de dominância do português em pontos de maior urbanização, como RS01 e RS05, em meio à área *Deutsch* – cuja idade de seus pontos e as marcas [+ dialetais] no Hunsrückisch de seus habitantes pode também contribuir para atitudes mais “conservadoras” em relação à variedade local.
- 2) Em relação à dimensão diastrática, observam-se graus maiores de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos Ca (maior escolaridade). Assim, a hipótese inicial se confirma, ainda que não de forma tão determinante quanto o esperado. Uma escolaridade elevada pressupõe um afastamento do falante da variedade local, falada no meio familiar, para um maior contato com o português no ambiente escolar, com uma aprendizagem mais constante e duradoura da língua românica em detrimento do Hunsrückisch.
- 3) Em relação à dimensão diageracional, os graus de dominância do português nas entrevistas realizadas com os grupos GI (geração dos jovens) mostraram-se, conforme o esperado, mais elevados, confirmando a hipótese inicial. Com o ingresso na escola já nos anos iniciais, um maior deslocamento para centros urbanos e universitários e um acesso mais fácil à mídia e a plataformas digitais, o contato com o português foi facilitado para as gerações mais jovens. As gerações mais velhas, por outro lado, iniciaram sua escolarização mais tarde, tendo uma vivência mais constante no meio familiar e um maior contato com a variedade local. O que se observa nos mapas confirma-se inclusive quando observamos as transcrições das

entrevistas sob uma perspectiva diarreferencial. Percebe-se que, em GI, os comentários em português se referem à dificuldade propriamente dita de se expressar no alemão, como é o caso em RS04, grupo CaGI, em que um jovem afirma “tem que desenterrar o alemão, né?” e ri; em GII, parecem mais comuns comentários em português que, entretanto, não revelam uma dificuldade no resgate do Hunsrückisch, mas um reconhecimento de influências exógenas no alemão, que conhecem bem e que aprenderam em casa, com a família, como afirma um falante em MT02, grupo CaGII: “assim fragmentada a mãe já aprendia a falar um pouco de alemão. [...] sempre alguém me corrigia...” (o restante de sua fala é em Hunsrückisch e apresenta uma fluidez mais evidente do que a do falante mencionado de RS04).

- 4) Em relação à dimensão diarreligiosa, foram percebidos graus de dominância do português maiores na fala de informantes de confissão evangélico-luterana. Dessa forma, a hipótese inicial de que este grupo apresentaria os menores graus de dominância não se confirmou. Observou-se, nesse caso, pouca relevância da confissão religiosa em si, mas mais uma influência diatópica e diageracional sobre a dimensão, de forma que a maioria dos informantes evangélicos se encontram na área *Deutsch* (com uma concentração de graus elevados de dominância do português) e, nas colônias novas, coincidem com os grupos GI (também com graus mais elevados de dominância).

Vemos que, de modo geral, o que se observou no gráfico e no respectivo mapa pluridimensional (ver Figura 6 e Mapa 2) não apenas complementou, como também reforçou as conclusões apontadas nas quatro dimensões de análise selecionadas. O contato interlingual entre o Hunsrückisch e o português brasileiro se apresenta nos mapas analisados aqui tanto pelos quatro critérios de pontuação utilizados em sua confecção, envolvendo elementos indicadores das marcas de interferência do português na fala dos informantes e da ocorrência de *code-switching*, como pelos dados obtidos de seus resultados finais. Vemos que os maiores graus de dominância do português se encontram nos grupos das gerações mais jovens e mais escolarizadas; as áreas com maior concentração de graus elevados de dominância são de ocupação “mais recente” ou mais urbanizadas, visto também que cada ponto apresenta, de um perspectiva histórica e do tempo presente, níveis de presença de população monolíngue em português diferentes; a confissão religiosa, ainda que não pese por si só, reafirma os resultados obtidos com base nas outras dimensões. Estes se encaixam, em especial através das análises diageracional e diatópica, nos fatores descritos pela UNESCO (2003)⁴⁰ para a avaliação da

⁴⁰ Ver seção 3.2, p. 23.

vitalidade de uma língua e parecem, sim, refletir um lento e gradual processo de substituição linguística tal qual o descrito por Weinreich (1953).

Quando traçamos um panorama geral da origem e da chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil e analisamos alguns conceitos relevantes para o estudo, no início desta monografia, citamos muitos fatores que podem ter contribuído para o que vemos explicitado nos resultados obtidos aqui. Questões naturais do desenvolvimento social em meio a outra comunidade de fala, como a aprendizagem bilíngue nos anos iniciais – no caso das gerações mais jovens –, o intercâmbio de informações, o comércio, o descolamento para regiões urbanas, somados a tentativas de assimilação forçada do português, atitudes negativas dos falantes em relação à sua língua... Tudo isso influenciou para o que obtivemos a partir dos dados da variável <grau de dominância do português>. E essa amostra, ainda que limitada pelo âmbito do TCC, já nos indica a importância das políticas e pesquisas linguísticas citadas anteriormente, visando a manutenção da vitalidade das línguas minoritárias. Em relação ao Hunsrückisch, já observamos, felizmente, um grande movimento a favor de sua preservação, principalmente com as iniciativas do projeto ALMA-H, que, além de seu enorme banco de dados, trabalhou na publicação do inventário dessa língua de imigração (ALTENHOFEN; MORELLO et al., 2018), na coletânea de cartas de imigrantes (ALTENHOFEN; STEFFEN; THUN, 2018), bem como na produção de textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017 (ALTENHOFEN; HABEL; PREDIGER, 2018).

Por fim, é preciso mencionar a importância deste estudo como ponto de partida para pesquisas futuras da autora e, ao mesmo tempo, como “laboratório de formação” em um campo de pesquisa que carece de mais estudos, tanto para documentar quanto para interpretar e compreender o comportamento da língua e de seus falantes no tempo e no espaço. Escrever sobre o Hunsrückisch e sua história, refletir sobre o papel do contato linguístico entre a língua de imigração e o português, desenvolver conhecimentos sobre conceitos sociolinguísticos e pressupostos da dialetologia pluridimensional e da metodologia seguidos pelo projeto ALMA-H, ter mais familiaridade com o banco de dados do projeto, todos foram elementos enriquecedores para minha formação e instigadores na busca por novos aprendizados. Este é um estudo piloto, não busca se esgotar, mas servir de premissa e incentivo para seguir estudando e pesquisando dentro do âmbito do projeto e trabalhando com campos de estudo como germanística, romanística, sociolinguística e dialetologia. O final de uma etapa e o primeiro passo para tantas outras que estão por vir.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesisch*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 2, n. 1, p. 83-93, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: LENZ, Alexandra N. *German Abroad. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Viena: V&R Press, 2016. p. 103-129.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (ed.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte*. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 531-552.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; PREDIGER, Angélica. A escrita do Hunsrückisch. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; NEUMANN, Gerson R.; PREDIGER, Angélica (org.). *Hunsrückisch em prosa e verso: textos do I Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017*. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2018. p. 23-34. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/184118>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo (org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011; Trindade: Editora da USFC, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela et al. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Garapuvu, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194384>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194388>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- BELLMAN, Günter. *Einführung in den Mittelrheinischen Sprachatalas (MrhSA)*. Niemeyer: Tübingen, 1994.
- BELLMAN, Günter; HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich. *Mittelrheinischer Sprachatlas (MrhSA)*. Niemeyer: Tübingen, [1994-2002]. (v. 1-5).
- BOSSMANN, Reinhold. Zur deutsch-brasilianischen Mischsprache. *Revista Letras*, Curitiba, v. 1, p. 96-115, 1953.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. (Na ponta da língua, v. 4).
- CARDOSO, Suzana, et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. (v. 1-2).
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- COSERIU, Eugenio. Lições de lingüística geral. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. (Coleção Linguística e filologia).
- DORIAN, Nancy (ed.). *Investigating Obsolescence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt, 1959.
- FISHMAN, Joshua. *Reversing Language Shift: theoretical and empirical foundations of assistance to threatened language*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- FRINGS, Theodor. *Sprache und Geschichte: Teil 1-3*. Halle (Saale): Niemeyer, 1956.
- FUSSIEGER, Júlia Regina Köchert. *Wird ou gibt? Macroanálise pluridimensional da variação do auxiliar da voz passiva em Hunsrückisch*. Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen. 2021. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. 49 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/235385>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- GARCÍA, James. Language policy. In: WRIGHT, James (ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2015. p. 353-359. (v. 13).
- HERRGEN, Joachim; SCHMIDT, Jürgen Erich. Dialektalitätsareale und Dialektabbau. In: PUTSCHKE, Wolfgang; VEITH, Werner H.; WIESINGER, Peter (ed.). *Dialektgeographie und Dialektologie. Günter Bellmann zum 60. Geburtsag von seinen Schülern und Freunden*. Marburg: N. G. Elwert, 1989. p. 304-346.
- HEYE, Jürgen. *Brasildeutsch, or Diglossia Revisited*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF APPLIED LINGUISTICS, 6., Lund, 1981. *Anais [...]*. Zurique: AILA, 1981. p. 497-498.

- KLOSS, Heinz. Abstandsprachen und Ausbausprachen. In: GÖSCHEL, Joachim; NAIL, Norbert; VAN DER ELST, Gaston (org.). *Zur Theorie des Dialekts. Aufsätze aus 100 Jahren Forschung mit biographischen Anmerkungen zu den Autoren*. Wiesbaden: Steiner, 1976. P. 301-322. (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, v. 16). Disponível em: https://ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/deliver/index/docId/8701/file/Kloss_Abstandsprachen_und_Ausbauersprachen_1976.pdf. Acesso em: 5 maio 2022.
- KOCH, Walter; ALTENHOFEN Cléo V.; KLASSMANN, Mário (org.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232185>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change, volume 1: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Políticas linguísticas, política historiográfica: epistemologia e escrita da(s) história(s) da(s) língua(s) a propósito da língua portuguesa no Brasil Meridional (1754-1830)*. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas*. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183699_spa. Acesso em: 26 abr. 2022.
- RADKTE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos na geolinguística românica: um balanço. Traduzido por Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.
- ROBINS, Robert; UHLENBECK, Eugenius. *Endangered Languages*. New York: Berg Publishers, 1991.
- SCHAPELLE, Benjamin Franklin. *The German element in Brazil: colonies and dialect*. Filadélfia: Americana Germanica Press, 1917.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. Os Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, [n. p.], 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55637/33813>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMAN LINGUISTICS AND PHILOSOPHY, 21., Palermo, 1995. *Anais [...]*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, 787-789.

THUN, Harald. Variação no contato entre informante e entrevistador. Tradução de Cléo Altenhofen e Filipe Neckel. Revisão de Cláudia Fernanda Pavan. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan./jun. 2017. Traduzido do original „Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator“, [2005].

THUN, Harald. Variety complexes in contact: a study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. *In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (ed.). Languages en space: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter, 2010. p. 704-723. (v. 1).

THUN, Harald; WILKIN, René. A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1838). *In: ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 31-48. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194388>. Acesso em: 26 abr. 2022.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. Nova York: Mouton, 1953.

WIESINGER, Peter. Deutsche Dialektgebiete außerhalb des deutschen Sprachgebiets: Mittel-, Südost- und Osteuropa. *In: BESCH, Werner; KNOOP, Ulrich; PUTSCHKE, Wolfgang; WIEGAND, Herbert E. (ed.). Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung*. Berlin: de Gruyter, 1983. p. 900-929.